

(Esta é a tese apresentada pelo Reverendo Salomão Ferraz, a respeito do sacramento do batismo conferido pela Igreja Romana, em 1915, preparatória às decisões que deveriam ser tomadas a respeito, pela Conferência Missionária Latino-Americana reunida no Panamá em fevereiro de 1916 – Dom Felismar Manoel – Bispo Primaz – Natal de 2010)

SALOMÃO FERRAZ

Princípios e Métodos

Preliminar

Uma só Igreja

Falso e Verdadeiro

Um só Batismo

PRELIMINAR

Mediante clareza e honestidade de propósito, perseveremos no esforço de banir do nosso espírito, bem como do espírito dos outros, quaisquer idéias falsas, irrelevantes ou incongruentes, que ali possam surgir ou penetrar.

GOETHE

Ai do espírito que abafa as suas convicções, ao ameaçar dos sacerdotes e da multidão por eles dementada, aos brados de heresia e de insinuações, “Tu não és amigo de César!”

ROBERTSON

Quando um homem, ao cabo de anos, encontra-se com algumas convicções formadas, não por efeito de influências ligeiras do momento, mas o fruto de estudo humilde e escrupuloso, de observação demorada, silenciosa, e muitas vezes amaríssima, na consideração dos fatos e das circunstâncias da sua época, tal homem, embora preferindo pessoalmente o pacífico remanso do seu retiro, tem não só pleno direito de se fazer ouvir, ele tem o sagrado dever de se externar. Se são razoáveis ou não as suas conclusões, é o que será julgado, com justiça, pela consciência esclarecida de seus irmãos, se não por todos já no presente, ao menos em próximo porvir.

Plenamente convicto, tornado claro o caminho do seu dever, o primeiro passo de um indivíduo em tais condições, é ajustar as suas atividades ao seu modo de pensar, e isto com prudência, com o silêncio dos que crêem, mas também sem hesitação, sem tímidas consultas aos preconceitos do dia, sem covardes receios de conseqüências. Ao lado da verdade Deus está, e ele não abandonará os seus servos, quaisquer que sejam os clamores que se levantem.

Era ainda no tempo de estudante, época risonha e florida para muitos, porém torva e dolorosa para nós. Em consonância com os vendavais de paixões que lá fora rugiam, em atmosfera eclesiástica asfixiante, letal; cá dentro d'alma nos bramavam outras procelas, incomparavelmente mais atroz, mais sinistras, mais acabrunhadoras: era a tormenta das dúvidas, das perplexidades e o desespero de um espírito inquiridor, sedento de verdade e paz.

Em um desses dias, no sótão do Seminário, em S. Paulo, à rua Maranhão, veio-nos às mãos um dos vigorosos artigos do professor Bruce, da Escócia, onde deparemos um conceito, que nos sacudiu até o mais profundo da natureza moral, e gravou-se indelevelmente em nosso espírito: Your suprem duty, ó young man, is to have an open eye, an open heart, and an open mouth. “O teu supremo dever, ó moço, é ter abertos os olhos, aberto o coração, e abertos os lábios.”

Estas palavras do insigne pensador cristão não se apartaram jamais do nosso espírito, mas passaram, por assim dizer, a fazer parte da contextura da nossa alma. No meio de acidentes e vicissitudes de uma vida inçada de trabalhos, de duras provas e amargas decepções, o aviso do sábio mestre tem caminhado à nossa frente, como um astro propício, apontando-nos o caminho, espancando muitas brumas de insidiosos preconceitos.

De olhos abertos e coração aberto temos procurado viver, embora fraqueando muitas vezes, e não raro apalpando o caminho às escuras. E agora que, impelido por um dever que a conjuntura nos impõe, começamos a descerrar os lábios para relatar, aos nossos irmãos, o que temos visto e ouvido, rogamos que nos ouçam com paciência.

Se outro mérito não tem nossas palavras, elas valem ao menos por sinceras e conscienciosamente ponderadas.

As razões, que ora oferecemos, não são meras críticas de observador indiferente e de palanque, mas conclusões de um espírito empenhado no trabalho ativo da igreja.

O que temos em mira é apenas apontar um caminho que, estudado, examinado, experimentado, contrastado com outros divergentes, se nos afigurou o verdadeiro.

Quais sejam as nossas convicções e a nossa orientação no trabalho do evangelho – convicções e orientação da grande maioria dos pensadores e obreiros cristãos em nossos dias – é o que constitui o assunto destas páginas.

Traçando as linhas, que aí vão, temos apenas a consciência de nos desobrigarmos de um dever para com a causa de Cristo no Brasil, muito especialmente para com a igreja evangélica, da qual somos filho, e a qual temos consagrado a nossa vida, as nossas forças, certo de que o catolicismo evangélico é hoje a expressão mais aproximada do ensino e do espírito de Cristo. Os princípios do cristianismo evangélico, bem entendidos e assimilados, são os únicos capazes de conduzir este povo pela senda da piedade sem fanatismo, sem intolerância, sem estreiteza de vistas; pelo caminho da razão desagrilhada, abrasada pela chama da fé e do amor cristão; pela estrada do respeito sem subserviência, e da liberdade sem abusos, sem loucuras.

É que o cristianismo evangélico é o cristianismo do novo testamento, é o cristianismo do que há de melhor na gloriosa tradição cristã dos séculos, é o cristianismo da consciência cristã esclarecida e livre, é o cristianismo do Espírito, é o cristianismo de Cristo.

A reforma religiosa do século XVI, conforme a sensata ponderação de ilustre pensador, não foi propriamente um movimento de retorno aos tempos primitivos – bebeu sem dúvida a sua inspiração de fresco nos princípios do cristianismo apostólico – mas foi um movimento de natural evolução, um movimento de progresso, progresso na apreensão da obra redentora do Calvário, em uma idéia mais justa do valor e da responsabilidade do indivíduo e, muito particularmente, no conceito mais espiritual da igreja, em contraste com a espécie de materialismo a que o esforço do papado tentara reduzi-la, encerrando-a exclusivamente nos limites de uma particular agremiação, sacrificando o indivíduo, abafando a voz da consciência individual, em favor do poderio e da glória da hierarquia, e de uma coercitiva unidade exterior do mundo cristão.

Não resta dúvida que a união orgânica de todos os cristãos é um formoso ideal, ideal de que não nos é lícito abrir mão, embora o seu advento esteja ainda sobremodo afastado dos nossos dias. Mas esse ideal há de ser realizado, não por via da violência física, empregada nos tempos da inquisição, nem pela violência mental, recurso indecoroso de que infelizmente lançam mão, não raro, até obreiros protestantes; esse ideal há de ser realizado no caminho da liberdade cristã, no caminho do profundo respeito pelo indivíduo, no caminho do verdadeiro amor cristão, aliado ao consciencioso culto da verdade.

Se as atuais condições empecem uma união mais formal entre todos os ramos da cristandade, removamos ao menos do caminho as desnecessárias barreiras, firmemos melhor, o olhar sobre os pontos em comum, e muito deliberadamente sobre o centro luminoso de todo o orbe cristão – a pessoa de Cristo.

O nome do Deus Trino e as verdades fundamentais no Símbolo dos Apóstolos – eis a bandeira comum de toda a cristandade. E se motivos justos nos forcem, por enquanto, a separadas organizações eclesiásticas, com trabalhos à parte, congregate-nos ao menos, espiritualmente, essa comum insígnia, esse comum sinal de iniciação na igreja, esse comum reconhecimento da supremacia de Jesus Cristo – o batismo em nome de Deus Trino.

“Eis o segredo de toda a verdadeira união! – exclama Adolpho Monod. Não é a união que resulta de virem os outros para nós, nem de nós irmos para eles, mas a de irmos todos, eles e todos nós, a Cristo.

Entenda-se bem o que almejamos. Pregando, doutrinando o povo, convertendo as almas, congregando-as no aprisco de sábias instituições, seja o nosso fim primordial promover

a glória de Cristo, a glória do caráter cristão, a glória da melhor eficiência na obra do reino de Deus, e não a vanglória e a arrogância de seitas – mesquinhas, acanhadas, idolatras do seu próprio corpo, corpo tanto mais disforme, quanto maior a vaidade e pretensão.

Se as nossas palavras tiverem o efeito de nos levar a todos para mais junto de Cristo e a um trabalho mais inteligente e eficaz em prol do seu reino, teremos então ferido o alvo, estará cumprida a nossa aspiração.

Uma só Igreja

Quem olha com rancor e má vontade para as coisas, só pode vê-las de um modo superficial, ainda mesmo com o subsídio da mais arguta inteligência. Porém quando esta se alia ao sentimento de boa vontade e amor, então é que consegue penetrar no coração do homem, e também no coração das coisas, e alcançar o supremo objetivo.

GOETHE

A nosso ver, a igreja católica não se identifica absolutamente com o papismo.

O PAPA E O CONCÍLIO

O que os reformadores fizeram foi apenas abandonar o papa, recusando manter comunhão espiritual com ele; mas eles não renegaram, segundo o seu pensar, a igreja em que nasceram, na qual foram batizados, e em cuja comunhão tinham adorado desde a infância. A reforma, para eles, não importava em abjurar a igreja dos seus antepassados.

LINDSAY

I

O hábil engenheiro, tendo-se proposto a executar uma obra importante e monumental, o seu primeiro cuidado é examinar atentamente e conhecer a natureza do terreno em que a sua construção se tem de erguer. Porque um é o modo de construir sobre um solo de granito, outro o de construir sobre as planuras arenosas, e outro ainda o de edificar em lugares de pântanos ou de formação recente e artificial.

O trabalho do reino de Cristo, parece-nos, deve obedecer estritamente às mesmas leis. Entre as tribos selvagens e bárbaras há de ter um método, um processo, outro entre povos cultos e pagãos, e outro entre os povos que já possuem os rudimentos da fé, tendo sido batizados em nome do Deus Trino. Entre estes últimos pode ser a necessidade de obreiros quase tão grande como entre os outros, mas os métodos hão de variar necessariamente, deliberadamente, inteligentemente.

O trabalho evangélico no Brasil, no meio de um povo iniciado geralmente nos rudimentos da fé cristã, muito embora eivados de ignorância, de erros, de grosseiras superstições, não é propriamente uma obra de iniciação no cristianismo – posto que praticamente o seja em muitos casos particulares, como sucederá o mesmo em países protestantes – mas é uma obra de iluminação, de despertar, de reorganização, de reconstrução, apesar de calcada em novos moldes divergentes em grande medida dos moldes tradicionais.

O Brasil, graças a Deus, não pode ser com justiça chamado um país pagão. E identificar um povo romanista com as gentilidades que desconhecem por completo a revelação de Deus em Cristo, sobre ser uma inverdade, uma injustiça, constitui grave obstáculo ao trabalho generoso das missões evangélicas. “Nós receíamos – diz o dr. Charles Hodge – que a causa do protestantismo é materialmente prejudicada pelas objurgatórias lançadas indiscriminadamente contra a igreja de Roma, e por envolver-se o seu complicado sistema de verdade e erro na mesma repulsa que nos devem causar as suas aberrações.”(Church Polity, 210).

Um povo que desde os seus maiores tem aprendido a conhecer, bem ou mal, mas tem aprendido a conhecer o sagrado nome de Cristo, batizado em nome do Deus Trino, não pode ser tido em conta de gentio, como parecem pretender, infelizmente, alguns pregadores protestantes.

E insistir em levantar um trabalho cristão sobre bases semelhantes, recusando acintosamente socorrer-se dos fundamentos cristãos, que na boa providência de Deus foram lançados nestas plagas, é edificar em terreno duvidoso, é não acertar bem o alvo, é burlar em parte os nobres sacrifícios das missões protestantes.

O trabalho cristão, no Brasil, há de resultar necessariamente na suplantação e demolição de práticas e princípios errôneos; em muitos casos há de traduzir-se em vigorosa polêmica do púlpito e da imprensa, em enérgicos e certos golpes sobre os tumores da hipocrisia, sobre as torpezas à sombra do santuário. Mas tudo sem amargura pessoal, sem laivos da injustiça, com os lábios castigados na brasa viva do altar, sem a insolência dos demagogos vulgares. Entretanto convém notar que é muito fácil ter a energia de Cristo contra os hipócritas, mas sem a sua pureza e candura, sem as lágrimas sobre o povo impenitente.

Embora rejeitando as incrustações errôneas e perniciosas da religião popular, o trabalho evangélico de forma alguma deve ter a pretensão de um trabalho novo desde os fundamentos, uma religião inteiramente nova, uma igreja absolutamente outra da que existe no país. Não! Isto não é verdade, e querer insinuar ao contrário é incorrer na repulsa dos homens de senso, dos homens que pensam e temem a Deus.

A igreja de Cristo é uma só, católica, universal, composta de todos os sinceros crentes em toda a parte, em todas as corporações cristãs. A própria igreja romana, apesar das suas pretensões exclusivistas e formidáveis, não é a igreja católica, apenas pode ser uma fração da grande igreja católica, apostólica de Jesus Cristo.

A missão do trabalho evangélico não é propriamente derrocar a igreja falsa para fundar a verdadeira, mas é suplantar princípios falsos com princípios verdadeiros, levantar instituições livres com vantagem sobre as instituições romanistas, eivadas de vícios seculares; criar instituições eclesásticas mais consentâneas com o ensino e o espírito apostólico e as necessidades religiosas e sociais do povo; e, muito especialmente, despertar os sentimentos religiosos em um povo que jaz na indiferença e no mundanismo, trazendo-os a Cristo, ao conhecimento da verdade, à obediência do evangelho.

E é isto exatamente o que o cristianismo evangélico em boa hora está fazendo no Brasil, ainda que inconscientemente em muitos casos, e neutralizado em grande parte por essas disputas acrimoniosas, loucas, dos que reclamam para si, exclusivamente, os foros de única e verdadeira igreja.

*

* *

Este modo de ver é o único razoável, ao nosso pensar, e o único que ao nosso foro íntimo recomenda. Outros verão porventura as coisas de outra forma. Não desejamos que abduquem da própria vista para enxergar com olhos alheios: um ponto de vista mais alto e um olhar mais calmo, mais atento, mais desapassionado, e alcançarão mais amplo descortino.

Mas o que não podemos absolutamente consentir, é que nos venha aplicar o tapa-olhos a circunscrever-nos a visão, com o fim de, ao que parece, puxar-se melhor o carro da igreja.

Antes de ministro de uma igreja particular, nós temos em conta de obreiro do reino de Cristo – reino de verdade, reino de justiça e de amor. E os altos interesses do reino não os sacrificaremos jamais aos pretensos interesses de qualquer agremiação, embora religiosa. Acima de tudo a verdade, acima de tudo a justiça, acima de tudo a lei suprema da caridade cristã.

Ministro de uma igreja, sim, serventário de uma corporação, mas sob a condição de nunca nos deixarmos mutilar, à maneira do que se faz com animais domésticos, para torná-los

mais mansos, mais dóceis, mais serviçais. Confiando em Deus, pretendemos conservar a nossa integridade moral, a independência mental – fruto preciosíssimo que nos legou a reforma protestante, que no meio de um mundo a tremer covardemente aos gestos dos reis, aos anátemas de papas e concílios, proclamou os direitos da consciência individual.

Serventário de uma igreja, é certo, mas como homem, na sua inteireza, como livre filho de Deus.

*

* *

Porém o ideal visado por certas atividades religiosas, até mesmo no meio evangélico, mais em minoria, felizmente, parece ter sido, não propriamente o suscitar de homens livres, inteligentes, aprumados, de largos horizontes, mas uma espécie de criação de cães de fila, para guarda de propriedades particulares. Homens que só reconhecem os da sua comunidade e prontos para morder a todos os demais.

O fila, como sabemos, não percebe distinções morais; ele só conhece uma distinção: o que é de casa, e o que é estranho à casa. Os de casa, até mesmo os meninos rabudos, como em criança ouvíamos chamar-se aos meninos malfeitores, fazem dele o que querem, aplicam-lhe varadas, arrumam-lhe pontapés, cavalgam-no à vontade, e a tudo o bruto se submete com uma santa paciência, com invejável resignação. Mas aí do estranho que assomar ao portão! Pode o recém-vindo ser distintíssimo cavalheiro, pode ser até mesmo um santo, mas o cão de fila tudo desconhece, arrepia os pelos, ruge pavorosamente e avança com as faces horivelmente escancaradas, e somente se detém ao encontrar as vigorosas barras de ferro, que o bom homem tem a prudência de não transpor.

Que se conservem cães de fila nas quintas, contra os amigos do alheio, justifica-se; porém isto mesmo é perigoso, porque estão sujeitos a enlouquecer, e os primeiros que lhes caem nos dentes acerados, são os da própria casa. Criá-los porém na igreja e conservá-los a título de cristãos zelosos e fervorosos, é o que absolutamente não convém, nem mesmo às igrejas particulares. Eles enlouquecem ali também, e torna-se então um perigo temeroso, um desastre, um pavor, uma geral consternação. Ao invés dos que guardam as quintas, os tais filhas da igreja também mudam de dono à vontade e, então, aí dos antigos donos!

A igreja tem já sofrido de sobejo com esses animais ferozes. A igreja de Cristo não precisa nem de cavalgadas com a visão comprimida, nem de mutilados bovinos de serviço, feitos assim, mais dóceis, mais prestantes a certos fins particulares e sectários, mas despojados também do necessário brio e de vital fecundidade; nem tão pouco de animais bravios, prestes a avançar contra tudo o que não é da casa. A igreja precisa de homens, de homens livres, libertados por Cristo, homens de integridade moral e mental, homens que saibam pensar por si e colocar a verdade acima de conveniências partidárias e pessoais.

Isto, sim, é cristianismo, isto é protestantismo e, graças a Deus, é presbiterianismo!

*

* *

Quem, como nós, tem passado pela humilhação de assistir a certas cenas degradantes, em que a consciência cristã se deixa espezinhar, mesmo entre crentes evangélicos, que sacudiram, como dizem, as gargalheiras da tirania clerical, não pode deixar de soltar um grito vibrante de protesto, um brado da mais justa indignação. Concílios decretam, por vezes, regulamentos absurdos, anti-cristãos, e certos crentes nem sempre possuem essa viril autonomia cristã, que sabe em primeira plana colocar os ditames da consciência, e só depois, em segundo lugar, as decisões dos homens.

*

* *

É uma modesta casa, na roça.

Entremos aí, mas entremos em silêncio, respeitosamente, porque os irmãos se acham reunidos para o culto de Deus e para a sagrada comunhão.

É meio dia. Em torno tudo é silêncio e só se ouve, ora o cantar dos hinos, ora a voz do servo do Senhor a ministrar-lhes o pão da vida.

Depois de um ano, é esta a primeira vez que estes irmãos recebem, em tão longínquas paragens, a visita do mensageiro do evangelho. A repassar-lhes o coração eles sentem, agora, o mais vivo contentamento.

Finda a pregação, e depois de um hino preparatório, passam eles a celebrar, sob a presidência do ministro, a santa ceia do Senhor. Hora de silêncio, de recolhimento, hora em que as diferenças pessoais se apagam e todos se congoçam na efusão dulcíssima de amor e gratidão. Em torno se acham da mesa do Senhor, como os discípulos outrora no cenáculo, naquela noite memorável, em Jerusalém. Traz cada um deles, para ali, um coração dorido, a sangrar, pelos acidentes desta vida de trabalhos, de tentações e agruras. Mas na mesa do Senhor recebem graça, recebem conforto, inspiração. Ao passarem os elementos, eles participam, de um modo significativo, do sagrado memorial do Mestre. As almas então rejuvenescem, e sobre os corações doridos caem o bálsamo maravilhoso da graça, que acalma todas as dores e aviventa a luz da esperança nos corações prostrados.

Hei-los, pois, ali, todos unidos, satisfeitos com o participar da ordenança do Salvador. Mas no meio de toda aquela harmonia percebem-se algumas notas tristemente dissonantes: são alguns irmãos, com o semblante descaído, confusos, envergonhados, lágrimas ardentes a rolar por algumas daquelas faces de cristãos sinceros, faces vincadas pelos anos, pelos trabalhos e aflições. Ao passar por eles os elementos consagrados, eles baixam os olhos, como múmias, conservam-se quedos, não se atrevem a tocá-los.

Será que não professaram ainda a sua fé em Cristo? Ou estarão sob disciplina por algum escândalo em suas vidas? Ou serão eles mesmos que, de si, não se julgam em condições de participar dignamente da Ceia do Senhor?

Nada disto há. São membros professos da igreja, em plena comunhão, e nada os impede de se aproximarem da mesa do Senhor. E é exatamente por isso o seu constrangimento, a sua tristeza, as suas lágrimas.

Mas então porque não comungaram?

A razão é muito simples e muito triste; muito triste e pouco honrosa para os que repudiaram o jugo opressor de Roma e receberam, como pretendem, a liberdade de consciência no seio do cristianismo reformado. Eles não comungaram simplesmente porque são membros de outras corporações evangélicas, e os seus pastores e os concílios das suas igrejas, com fins políticos e sectários, proibiram-nos expressamente de comungar com certas igrejas irmãs, atiradas por eles, maldosamente, no *index* de abominável tirania protestante!

Em tais casos, a voz da consciência brada-lhes: - "Podeis e deveis comungar com estes irmãos!" Mas de encontro a voz da consciência ergue-se a voz de concílios, e de ministros que parecem ter abdicado nas mãos daqueles a sua consciência individual, e gritam-lhes: "Não podeis, não deveis comungar!"

E estas pobres criaturas, cristãos geralmente atrasados, inconscientes dos seus nobres direitos como filhos do eterno Rei, deixam de escutar a voz de Deus, para atender ao capricho e à política dos homens!

E quando se lhes lança em rosto a sua covardia, a sua inconsistência, alguns baixam a cabeça, nada respondem, ou respondem com miseráveis evasivas, ao passo que outros forcejam por explicar o fato com a lei da solidariedade. "É que nós – dizem eles – precisamos ser solidários com os nossos concílios, precisamos ser coerentes com os nossos companheiros."

Muito bem! Então para ser solidários com os homens, com a sua política, com os seus interesses partidários, com as suas *urucubacas*, nós deixamos de ser solidários com os claros ditames da consciência!

Isso não é cristianismo! Isso não é protestantismo! O que isto é, o mundo inteiro o sabe, e nós agora o repetimos, alto e bom som, aos ouvidos de quantos ainda os tenham para ouvir: isso é puro jesuitismo!

Aos cristãos, hoje, o Espírito brada como outrora aos galatas: “Tende-vos firmes e não vos sujeiteis de novo a um jugo de escravidão.”

O que nos revolta, o que nos enche de uma justa indignação, é ouvir às vezes essa gritaria infernal contra Roma, ao mesmo tempo que, muito de indústria, manhosamente, vai-se pondo em prática o que há de pior e detestável nessa igreja – os princípios e métodos jesuíticos.

Graças ao céu, não é essa a índole do cristianismo, nem do cristianismo evangélico, e tais abominações estão sendo repelidas, com viril energia, pela maioria vasta dos ministros e dos verdadeiros cristãos.

II

Alguém o disse, e com visos profundos de razão, que nove décimos da conduta irregular dos homens não é o produto de um animo perverso, mas as conseqüências de idéias falsas e de princípios errôneos.

À luz deste princípio, tratemos de inquirir as causas, ao menos uma delas, a que se deva atribuir o desacordo crônico que tem reinado, infelizmente, entre os corpos protestantes no país.

Outras causas haverá, sem dúvida, mas uma delas, parece-nos, é a errônea e deficiente noção da igreja – reprodução desse mesmo erro funesto, que tem desnortado o sistema romanista. É essa pretensão, desarrazoada, de circunscrever a Igreja de Cristo a qualquer corporação ou grupo de corporações cristãs. É isso o que faz o romanismo, e o que igualmente faz certo protestantismo estreito, apaixonado, que se aventura a traçar os limites da igreja com exclusão de tudo o que não participa da exterior agremiação das igrejas protestantes.

Insolentemente arbitrário é o romanismo ultramontano, quando assenta os marcos limítrofes da igreja em uma fórmula mais ou menos como esta: “Fora da igreja romana não há igreja, não há salvação.” É o pensamento de muitos protestantes no Brasil, em vez de um real e enérgico protesto contra conceitos tão mesquinhos e iníquos, indignos do pensamento generoso e amplo de Cristo, é apenas uma reprodução do mesmo erro e da mesma intolerância, apenas sob outra forma. O pensamento da certa classe protestante, em nosso meio, parece ser mais ou menos este: “Fora das igrejas protestantes não há igreja, não há cristianismo.” E há crentes evangélicos, que chegam ao requinte da estreiteza, reconhecendo somente os da sua própria agremiação, cortando do rol de igrejas aos demais corpos protestantes.

É isto visivelmente um erro, erro que tem dado lugar à mais deplorável confusão no trabalho do evangelho. Uma coisa é a igreja de Jesus Cristo, e outra as manifestações da igreja nas várias corporações cristãs em todos os tempos, apesar das suas múltiplas imperfeições e dos seus elementos secundários e perecíveis: “A igreja – diz o dr. Macy Dulles – é uma, quer no passado, quer no presente, quer no futuro. Há uma igreja apenas, desde que Jesus Cristo, o único cabeça da igreja, só pode ter um corpo. A igreja, como vimos, tem a sua manifestação nas igrejas.”

“A glória e a supremacia da igreja – continua o mesmo escritor – não será realizada na glória de qualquer das igrejas que presentemente existem, desde que, como vimos, não há nenhuma que seja a igreja por excelência. E esta supremacia não cabe também a qualquer grupo de igrejas, quer se chamem elas católicas ou evangélicas.” (*The True Church*, pag. 269, 270.)

E outro não foi o espírito dos reformadores. O glorioso movimento, operado por eles, nunca teve a pretensão de criar uma nova igreja, no sentido de fazerem as suas respectivas

agregações o monopólio dos direitos da igreja de Jesus Cristo. Reforma – foi o brado deles, reforma primeiro dentro da própria igreja romana, e, obstados pela cúria que os separou, e que assim tornou-se responsável pelo pecado da cisão na igreja, eles promoveram a reforma da igreja fora dos precintos tradicionais. Mas tudo isto sem a pretensão de criar nova igreja que fosse a única verdadeira, fora da qual não há salvação. Seria isto recair no mesmo erro que pretendiam combater. Mais modestos eram eles nas suas pretensões, e por isso mesmo os seus trabalhos foram coroados de gloriosos resultados.

A questão das organizações é uma questão de relativa liberdade e secundária, é uma questão de expediência, de conveniência aos interesses da edificação dos crentes e da propaganda da fé. E estas organizações – em que pese a um ultra-protestantismo, irmão gêmeo do romanismo ultramontano – estas organizações com os seus respectivos regulamentos, que o bom senso cristão preconiza, não devem ser absolutamente promovidas em espírito cismático, cobrindo de vilipêndios aos demais corpos cristãos. “Sem dúvida – diz o dr. Hodge – há o que tem o nome de cisma, e é um grande pecado. Mas se a igreja é um corpo espiritual, este pecado é um pecado contra a unidade espiritual. Todo o alto eclesiasticismo, todas as pretensões de que a nossa igreja é a igreja por excelência, a única igreja, são da essência do cisma; todo o orgulho e fanatismo são da essência do cisma; toda a falta de amor universal, toda a inveja, e todas as tentativas para ilaquear os outros em discussão ou em estender a igreja, são da essência do cisma.” (Popular Lectures, 213.)

“No tocante à unidade da igreja – é o mesmo teólogo quem o diz – alguma coisa eu tenho ainda a declarar. Muitos se sentem perturbados, hoje, com respeito à unidade da igreja e suas manifestações, e eu acho que vai nisto uma grande dose de idéias confusas quanto à concepção original da própria igreja. Se a igreja fosse apenas a sociedade externa, então qualquer desvio daquela sociedade seria da natureza do cisma; porém si a igreja, em sua essência, é uma grande corporação espiritual, constituída pela presença do Espírito Santo através de todos os séculos e nações, unindo todos a Cristo, e si a organização externa é somente accidental e temporária, sujeita a mudança e variação, nesse caso a diferença de organização, a menos que inquinada de espírito cismático, não é detrimento à igreja.” (Popular Lectures, 211, 212.)

“E eu digo – continua o grande teólogo – que sob a presente dispensação Deus nos deixou em liberdade para formar organizações. Ele nos deixou livres para experimentar o cristianismo sob todas as condições em que ele nos tem colocado; e a religião cristã, que nós recebemos, assume várias cores e tons, quer de nacionalidade, quer de tribo, quer de raça.” (Id. 213).

A igreja, é verdade, tem um corpo, que é a sua organização exterior; mas precisamos não perder de vista que ela possui também uma alma, alma que por nenhum princípio deve ser sacrificada a um suposto proveito do corpo. As relações da alma infinitamente transcendem as relações do corpo, especialmente este corpo corruptível das nossas personalidades, e este corpo igualmente corruptível das organizações eclesiásticas. Assim como esperamos receber, um dia, um corpo incorruptível e perfeitamente adaptado à vida espiritual, assim também a igreja receberá de seu Esposo e Cabeça um corpo perfeito, imperecível, na cidade da luz, onde não há templos, onde não existe a necessidade de expedientes a que, na presente ordem de coisas, precisamos recorrer para assegurar o culto divino, para manter acesa a chama da fé e para a difusão do evangelho.

O cristianismo incorporado, representado nas agremiações visíveis e tangíveis, com as suas divisões convencionais, deve ser subserviente ao princípio cristão espiritual, amplo, livre, universal, e não o vice-verso, sacrificando-se impiedosamente o glorioso princípio da comunhão dos santos em proveito de qualquer corporação particular, ainda que essa corporação invoque, em seu abono, o prestígio dos séculos ou o número avultado de aderentes, como, por exemplo, a igreja de Roma.

Cada vez que repetimos o venerando Símbolo dos Apóstolos e dizemos, “Creio no Espírito Santo, na santa igreja católica, na comunhão dos santos”, nós enunciamos grandes verdades, cujo conteúdo nos cumpre cada dia examinar de fresco.

Sempre que perdemos de vista a obra excelsa do Espírito Santo na Igreja e no mundo, também nos foge a visão do caráter acentuadamente espiritual e católico da igreja, desconhecido o Espírito, começa o seu lugar a ser preenchido pelo espírito das organizações externas, que se degeneram facilmente em reais e abomináveis ídolos, que usurpam o lugar supremo do outro Paracleto e, assim, o lugar que Cristo deve ter com o cristão, quer como indivíduo, quer como coletividade.

E quais as conseqüências de semelhante idolatria? As conseqüências, as conseqüências fatais são simplesmente estas: ídolo romanista contra ídolos protestantes e vice-verso; os vários ídolos protestantes a disputar uns contra os outros, arremessando-se mútuos anátemas, cobrindo-se de recíprocos baldões.

É que o Espírito do Senhor o é de paz, de ordem, de síntese, de amor, mas o do homem é o espírito de discórdia, de confusão, de anarquia, de dispersão, de arrogância e desamor.

A velha tentativa de erigir uma Babel, abrigo seguro contra os cataclismos do mundo, tem-se reproduzido em todas as eras, e com idêntico resultado: a confusão.

O único remédio contra o insidioso espírito de Babel, esse esforço de acolher-se à sombra das suas próprias pesadas construções eclesiásticas ou sociais, esse secreto e ímpio desejo de recusar o único abrigo seguro sob as asas do Altíssimo, na comunhão fiel e viva com o Eterno; o único remédio contra esse espírito não consiste na fusão de todas as Babels, católicas, gregas, protestantes, em uma grande Babel, formidável, imponente, tocando as nuvens, pondo a igreja em honra e poderio sobre a terra; o único remédio, divino, eficaz, é o Espírito de pentecoste.

E quando de nós se apoderar o Espírito de pentecoste, então as nossas igrejas particulares, arvoradas não raro em arrogantes Babels, nesse secreto espírito de idolatria, serão transfiguradas em singelas aras, de pedras vivas, sobre as quais não tocou o cinzel, conforme a prescrição divina, onde a individualidade humana seja respeitada e não amputada, mutilada, imolada ao princípio de uniformidade externa; e sobre essas aras, singelas, simbólicas, ofereceremos o sacrifício vivo de nossas pessoas, de nosso devotamento, e faremos subir o perfume das nossas orações mediante o áureo turíbulo do grande Sacerdote da nossa confissão.

As nossas organizações, os nossos arranjos eclesiásticos, si bem que importantes e mesmo indispensáveis, são entretanto provisórios, são relativos, são esforços de aproximação a um ideal.

A todos nós, gregos, romanistas, protestantes, assim como aos judeus de outrora, apegados ao ídolo da uniformidade externa, contra o qual, no sinédrio, argumentara com vigor o primeiro mártir da igreja – a voz do Espírito faz ouvir hoje os seus avisos, muito claros, muito incisivos, pondo Cristo em destaque perante os nossos olhos: “Saíamos pois a ele fora dos arraiais, levando sobre nós o seu opróbrio.”

E qual a razão desse corajoso desprendimento das coisas exteriores, essa nobre superioridade sobre as disposições exteriores da igreja, sem entretanto as negligenciar, sem as desprezar? A razão é o mesmo Espírito que se encarrega de apresentar-nos: - “Pois não temos aqui uma cidade que permanece, mas vamos buscando a que há de vir.”

Soprou o Espírito, naquele memorável Domingo de pentecoste, e as raças mais afastadas se uniram, quebraram-se os preconceitos, e as línguas da confusão e dispersão de Babel, transformaram-se nas línguas de fogo, proclamando, em acorde, as maravilhas do Senhor.

A esperança de unificar o mundo cristão, em nossos dias, não está em Roma, nem em Petrograd, nem em Genebra, nem em Londres, nem em Nova York; não na Babel romana, nem na Babel grega, nem na Babel anglicana, nem na presbiteriana, nem na metodista, nem na

batista. Basta de desinteligências, basta de confusão, basta de eclesiolátria, basta de apostasia, basta de sonhos vãos.

Em nossas respectivas corporações religiosas, trabalhemos com espírito singelo, despretensioso, congraçando as almas em Cristo, inspirados sadiamente nas necessidades urgentes e ingentes das almas, e não morbidamente instigados pelo espírito de seita e proselitismo – esperançados somente no Cristo glorificado e no onipotente Espírito de pentecoste, Espírito de verdade, de amor, de vitória.

Assim fazendo, nada teremos a recear da nossa sorte como agremiações religiosas. As nossas corporações, com a nítida visão da obra do Senhor, atirar-se-ão sem reserva, com poder e eficácia, à realização dos supremos ideais do reino de Deus, com tanto maior proveito, quanto mais desinteressado e superior o seu espírito. As agremiações religiosas deixarão de ser Babeis, com o seu orgulho, com o seu egoísmo, as suas mesquinhas rivalidades, para se transformarem nas aras da nossa consagração, em simples e despretensiosos acampamentos, de peregrinos em demanda de Sião.

III

A igreja de Cristo é uma, católica, universal, subdividida apenas em várias ramificações, mais ou menos aproximadas da verdade, mais ou menos vivas, mais ou menos dormentes, mais ou menos apóstatas, e isto sem exceção, embora nos pese.

E esta maneira de ver as coisas não é nenhum achado nosso, não é nenhuma esquisitice nossa, não é nenhuma novidade: é o pensar dos espíritos mais esclarecidos dos nossos dias, e das mentalidades mais robustas e equilibradas ao prumo do evangelho, é o verdadeiro espírito presbiteriano. Os que pretendem, hoje, riscar do rol do cristianismo algum ramo da igreja são apenas certos espíritos retrógrados, sem repercussão na consciência esclarecida dos que professam o nome do Senhor. Com a mesma sem cerimônia com que, por exemplo, expropriam a igreja romana dos foros de cristã, eles fazem também o mesmo com os seus irmãos evangélicos, por ocasião de qualquer despeito.

Mas não confundamos as coisas. Reconhecendo a igreja romana, não como a única igreja de Cristo, como pretende ela, mas como uma das igrejas de Cristo e das que mais necessitam de reforma e nova vida, não queremos nem por sombras defender as pretensões da hierarquia, e muito menos ainda pretendemos acobertar os seus erros, as suas supertições, os seus abusos, nem tão pouco atenuar a necessidade de inteligentes missões protestantes para os países romanistas.

Um dos mais veementes libelos contra os erros de Roma, e um dos mais enérgicos avisos aos países reformados contra os artifícios da cúria, é certamente o notável livro do rev. dr. Robert Drummond, de Edimburgo, sob o título “The Cristian as Protestant,” O Cristão Protestante. Depois de enumerar as chagas dessa igreja, a sua intolerância, as supertições por ela toleradas e fomentadas, as suas cruéis perseguições, as suas visíveis aberrações, o ilustre escritor acrescenta: “E ainda, a despeito de tudo isto, eu sou forçado a dizer que, embora não seja Roma a exclusiva igreja, é ela, entretanto, uma das igrejas de Cristo, e pode entre elas ser contada; carecendo ainda, e urgentemente carecendo de drástica reforma, porém como igreja de Cristo.”

“Nas epístolas de Paulo – continua o abalizado escritor – descrevem-se igrejas inquinadas de terríveis defeitos, necessitando de reforma radical, e ainda o apóstolo não lhes nega os foros de igrejas cristãs. No próprio livro do Apocalipse, lese a descrição de duas igrejas, a de Pergamo e a de Thyatira, que foram acusadas e repreendidas severamente; uma pela presença de homem de tal maligna influência, comparado a Balaão, e a outra, pela tolerância de uma mulher de igual caráter, estigmatizada como “aquela mulher Jezabel”. Tais caracteres exerciam, sobre a igreja, a mais desastrada influência, e correspondem exatamente ao que temos observado, outrora e hoje, na igreja de Roma. E, entretanto, apesar da presença desses elementos, aquelas igrejas não cessavam de ser igrejas, embora exortadas a reprová-los e bani-los. E a razão é justamente esta: estes elementos perniciosos não eram as únicas

coisas encontradas em Pergamo ou em Thyatira. Havia lá o que era bom, e muito, o mesmo que acontece no caso de Roma. E nada absolutamente se lucra deixando de reconhecer francamente o fato. No seu íntimo, reconhece Roma que tudo o que ela merece de crédito ainda, ela o deve a esta santa semente de vidas puras e consagradas, que nela sobrevivem. E o fato de nela se encontrar o que produza vidas verdadeiramente pias, é o que nos força a reconhecer-lhe um lugar entre as igrejas de Cristo.”

“Tudo o que há de bom na igreja romana, ela o deve a esta santa semente, que nela há. Não a sua sucessão de papas e de bispos, como tais: a perversidade deles tem sido, não raro, o seu maior perigo. E qualquer boa reputação a que ela ainda faz jus, que agradeça a homens como S. Francisco, a mulheres como Santa Clara, ao místico S. Bernardo, a Thomaz à Kempis, a Philippe Nery, a Francisco de Salles e a Pascal, em cujos merecimentos e em cujo espírito nenhum sincero cristão pode deixar de reconhecer reais afinidades. E ao grêmio dessa igreja, e em comunhão com ela, hão crescido milhares de homens e mulheres, cujas vidas humildes, abnegadas, profundamente cristãs, não podem deixar de ser atraentes e fraternais aos olhos dos verdadeiros servos de Cristo: E Roma produz estas vidas, mas porque?”

“É porque, sotoposto as incrustações todas de superstições e de abusos, tem Roma preservado o conhecimento da verdade fundamental do cristianismo, a revelação de Deus em Jesus Cristo, nosso Redentor. Pessoas simples, às vezes, ficam surpreendidas ao ver em quantos pontos se acham elas de acordo com a igreja de Roma. Mas não há necessidade de surpresas. Por exemplo, Roma crê na doutrina da Trindade, mas não é mais preciosa a ela do que a um protestante, que acha na confissão que “Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, e que estes três são um Deus”, a única expressão adequada de Deus, como ele a encontra na palavra de Deus, e que é confirmada na experiência humana. E ainda mais: Roma crê em Jesus Cristo, nosso Redentor. Sobre este ponto, eu me recordo da encíclica de Leão XIII, com quase todas as palavras da qual, como estampada nos jornais do dia, eu, como leal protestante, cordialmente concordo. E por via destas verdades, e outras que podiam ser mencionadas, e que constituem a mesma essência do cristianismo, preservadas e ensinadas por essa igreja, é que as almas renascem e sustentam-se com pábulo espiritual, mesmo no meio dela. Nestas verdades tem elas achado a vida, a vida eterna, a despeito de todos os acréscimos sobre elas impostos e que as tem obscurecido.”

“Considerada a presença de almas santas entre seus aderentes, prova de que ainda sobrevivem aí as verdades fundamentais do cristianismo, às quais somente é permitido atribuir efeitos de salvação e santificação, - é lícito aos protestantes conceder a Roma um lugar entre as igrejas da cristandade. E podem eles ainda rogar para que não tarde o dia da libertação dessa igreja, quando ela, sentindo as gargalheiras de superstição que a cerceam e entravam, que desonram o seu bom nome e comprometem a sua lealdade a Cristo e Cristo só, há de sacudi-los e libertar-se, reconhecendo humilde, os pecados da sua ignorância, impetrando o perdão de Deus e daqueles a quem tem sido molesta, afim de, no esplendor e fortaleza de uma comunidade regenerada, juntamente com aqueles a quem ela repeliu e expulsou, mas que de boa vontade então a receberão, formar uma verdadeira e visível igreja de Jesus Cristo.” (Págs. 16-20).

É assim que se exprime o dr. Drummond no seu livro contra as descomedidas pretensões de Roma, pretensões que também nos cumpre repudiar e energicamente combater. Combater, sim, mas combater com a verdade, com razões justas e que se recomendem a toda a consciência de homens diante de Deus, e não com outras pretensões, igualmente absurdas, descaridosas, insustentáveis.

“O celebre professor italiano, Giorgio Bártoli, que por vinte e sete anos serviu, conforme expressão sua, a **Companhia de Jesus**, escreveu um livro magnífico, um dos melhores que conhecemos contra as formidáveis arrogâncias da igreja romana. O título da obra, em sua versão inglesa é *The Primitive Church and the Primacy of Rome*. À página 15 dessa obra, tratando da doutrina da igreja, assim se exprime o abalizado professor, ex-jesuíta e hoje crente evangélico: “Fatos reais, incontestáveis, forçam-nos a admitir que a igreja visível de Cristo

consiste da soma total de todas as igrejas e de todos os crentes que professam as doutrinas essenciais de Cristo e empregam os meios de graça mais importantes, si não todos, que ele deixou para nossa eterna salvação. As igrejas cristãs são portanto colocadas em uma espécie de escala graduada de perfeição e intrínseca excelência. Aquelas que mais profundamente haurem à fonte viva da doutrina de Cristo e mais de perto aderem ao seu divino evangelho, estanciam no topo da escala; outras, um tanto mais abaixo; ao passo que outras finalmente, que tem adulterado a divina mensagem de Cristo, ficam no lugar mais baixo.”

“Entretanto – continua o erudito professor – à medida que as diferentes igrejas crêem e praticam o que é essencial à salvação, tanto em doutrina como em prática, essas igrejas, ainda que não se achem estritamente em comunhão umas com as outras, são galhos da mesma árvore, rebentos do mesmo tronco, ramos da mesma vinha, regatos da mesma fonte, raios do mesmo sol – Cristo, o Senhor.”

E o que é de pasmar é que o ilustre professor haja escrito tais verdades contra as loucas pretensões de Roma em arrogar a si, exclusivamente, o título de única e verdadeira igreja, e nós temos de empregar, hoje, estas mesmas palavras contra desarrazoamentos protestantes em não reconhecer, nessa igreja, embora com limites, os foros de cristã!

Mas alguém dirá: Essas idéias vêm enfraquecer o trabalho evangélico, e por isso são a perniciosas em nosso meio.

A isso responderemos: Perniciosas serão, de fato, essas idéias, se o espírito que animar o trabalho protestante for o de puro proselitismo, se for a propaganda de seitas, de partidos, e não a nobre propaganda de idéias, de princípios, seguindo-se a isto, naturalmente, a competente organização. Ao proselitismo desenfreado convém riscar do rol da cristandade, não somente a igreja romana, como também qualquer outra, quando com isso se conseguir tirar partido da ignorância do vulgo. Pois até nós mesmos, presbiterianos – quem o diria! – fomos cancelados da lista de igrejas cristãs, e isso por igrejas protestantes, que repudiam a nossa fraternidade e nos imputam truculentas heresias!

E se alguém quiser persistir ainda neste caminho de proselitismo indecoroso, faça-o muito embora, continue a tripudiar sobre a fraternidade cristã dilacerada, não cesse de ilaquear a boa fé dos menos refletidos e cautelosos, e tire das suas manobras o partido que puder; porém de uma coisa poderá também estar seguro: é, de encontrar, mais cedo ou mais tarde, com dolorosa surpresa, a enojada e altiva repulsa dos espíritos cristãos esclarecidos.

E para que não se diga que tais idéias são modernices e liberalismo, termos vagos e equívocos, arvorados em verdadeiros espantalhos pelos que temem a derrocada dos seus ídolos favoritos, citaremos agora a opinião de um teólogo presbiteriano, altamente conceituado em todo o mundo evangélico: é o dr. Charles Hodge, de Princeton. Discutindo largamente a questão, assim se exprime o abalizado teólogo: “Se estes princípios são corretos, nós teremos somente que aplica-los ao caso vertente e perguntar: Retém ainda a igreja romana verdade suficiente para salvar a alma? Não podemos conceber como possa um cristão responder a isto na negativa. Conservam eles a doutrina da encarnação, que nós sabemos, pela palavra de Deus, que é uma doutrina vital. Eles ensinam a doutrina da expiação com muito maior plenitude e exatidão do que multidões de protestantes professadamente ortodoxos. Eles crêem no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo, na vida eterna e no juízo futuro. Estas doutrinas estão em seus credos e, apesar de pervertidas e obscurecidas, são ainda afirmadas como proposições gerais. E devemos lembrar que o que salva a alma é a verdade apresentada em proposições gerais, e não em distinções sutis. É evidente que a igreja de Roma conserva ainda suficientes verdades para a salvação da alma visto que verdadeiros crentes, que não tem outro meio de instrução do que os que aí se deparam, encontram-se no aprisco dessa igreja. Onde se vê os frutos do Espírito aí está o Espírito; e onde está o Espírito aí se encontra ainda a Igreja. A causa do protestantismo é sobremaneira lesada pelos objurgatórias lançadas indiscriminadamente contra a igreja de Roma, e por envolver-se todo o seu complicado sistema de verdade e erro na mesma repulsa, que nos devem causar as suas aberrações. Este

modo de encarar a igreja de Roma, é mantido pela autoridade dos reformadores, e de todas as igrejas.”

“Nós já temos observado – continua o mesmo teólogo – que a questão de ser a igreja de Roma uma verdadeira igreja pode ser afirmada ou negada, conforme o sentido que se liga aos termos. Por esse motivo, tanto os reformadores como as igrejas referidas, afirmam e negam a mesma proposição. Nos termos mais fortes denunciam eles todo o sistema papal, a sua perversão da verdade, suas falsas doutrinas, a sua corrupção no culto e na moralidade, a sua tirania e espírito perseguidor. Eles declaravam essa igreja anti-cristã e apostata, a Babilônia mística. Ao mesmo tempo, e como que na mesma estirada, eles declaravam que a igreja de Roma, vista por outro prisma, é ainda uma igreja, da mesma forma que os israelitas apostatas não deixavam, por isso, de ser o povo de Deus.” (Church Polity, 208 – 210).

Por onde se vê que o nosso modo de encarar as coisas não é nenhuma inovação, mas representa, com fidelidade, o ensino e o espírito da igreja presbiteriana e de todo o catolicismo evangélico.

E a nós, que vivemos em uma época de síntese e de profundas aspirações de paz, apesar das grandes guerras que ensangüentam o mundo, não nos é lícito acalentar pensamentos acanhados no tocante à igreja de Jesus Cristo.

O próprio Fisher, conhecido historiador da igreja, e familiar aos estudantes do Seminário Presbiteriano, exprime-se em termos encomiásticos sobre a tendência irênica do cristianismo em nossos dias. “Um dos sinais dos nossos tempos, diz ele, é essa crescente percepção dos males decorrentes da condição divina da igreja. É notável que, de parênteses com o afã na criação de agremiações religiosas separadas, tem-se desenvolvido nelas, respectivamente, uma disposição de entrar em mais íntimas relações de simpatia fraternal e em conexão com outras corporações cristãs. Grandes conflitos doutrinários, que conflagraram a igreja outrora, tais como os do arminianismo e calvinismo, aquietaram-se em nossos dias. Até mesmo a porfiada controvérsia entre protestantismo e romanismo é sustentada com espírito de mais candura na apreciação de tudo o que merece respeito de parte a parte, e com uma aquilatação mais justa do peso que deve ser ligado aos pontos tidos em comum.” (Fisher’s History of the Christian Church, Tenth Thousand, 662.)

Estas palavras, escritas há quase vinte anos pelo mui criterioso historiador da igreja, representam hoje, mais do que nunca, a verdadeira e profunda aspiração da cristandade, ao influxo do Espírito de verdade e de amor. E uma atitude de incondicional oposição à igreja romana, no Brasil como em toda a parte, será em pura perda para o trabalho evangélico.

Razão há, suficiente e de sobra, para o trabalho evangélico no Brasil, sem ser necessário ir ao extremo, patentemente injusto e iníquo, de negar-se à igreja romana os foros de igreja, tendo-a na mesma plana que o paganismo da Ásia e da África.

Em vez de nos aplicarmos a formular juízos, temerários pela sua exageração e pelo ardor do despeito que os anima, sobre qualquer comunidade religiosa que se chama pelo nome de Cristo, embora sejam graves as objeções que temos contra o sistema, melhor será que abramos os olhos e os corações às necessidades espirituais e sociais do povo que nos rodeia. Propaguemos verdades, difundamos princípios, anunciemos a Cristo, e as corporações religiosas, necessárias porém não essenciais à salvação, decorrerão daí naturalmente.

E a Conferência Missionária Latino-Americana, a reunir-se em Panamá em fevereiro de 1916, deve levar este ponto em muito séria consideração: O fim da Conferência não é formular juízo, desnecessário, sobre a igreja romana, o que julgamos desastrado ao bom êxito da nossa atividade religiosa. O fim da Conferência é estudar as reais necessidades da América Latina, e as suas circunstâncias, as suas possibilidades, e os métodos que podem assegurar os melhores resultados. Nobre tentativa, certamente, e do mais subido alcance. Mas a Conferência deve conscienciosa e deliberadamente abster-se de formular um juízo temerário, como alguns pretendem, cancelando, por assim dizer, a igreja romana do rol das corporações cristãs.

Contra um juízo tal revoltar-se-ia a consciência iluminada dos homens cristãos e de senso, quer evangélicos, quer católicos romanos.

Que o púlpito e a imprensa se incubam de apontar, quando necessário, as práticas e ensinamentos errados nessa igreja, compreende-se, e estamos de pleno acordo; mas que a Conferência lavre diploma de paganismo a essa corporação como um todo, isso é o que é contraproducente, isso é o que é iníquo e revoltante.

Seria entrar desnecessariamente a obra abençoada do evangelismo no Brasil.

O objetivo da Conferência não é esconjurar a igreja romana, mas é conjurar os elementos evangélicos a um trabalho mais inteligente, mais coeso, mais profícuo, mais genuinamente cristão.

Há porém uma coisa que deve a Conferência esconjurar, e com firmeza: é o espírito sectário, virulento, jesuítico, de que se acha infeccionado certo trabalho protestante, é o espírito das plataformas e irritantes *sibboleths*. Se alguma questão há, palpitante, urgente, sobre a qual deve a Conferência distintamente pronunciar-se, não é mais nem menos do que esta: a atitude equitativa, cordial, cristã, das várias igrejas protestantes entre si.

E quanto à questão da igreja de Jesus Cristo, fique patente a todos, protestantes e romanistas, de uma vez para sempre, que essa igreja é uma, católica, quaisquer que sejam as organizações eclesiásticas que a representem. Se uma organização representa melhor que outra a igreja de Jesus Cristo, isso é outra questão, que deve ser decidida pelo critério das almas cristãs esclarecidas.

Isto, parece-nos, é o que é sensato, é o que representa a verdade dos fatos, é o que conduz à ordem e ao respeito no serviço do evangelho.

“A única igreja católica – diz o dr. Macy Dulles – é o corpo de Cristo em sua inteireza, e o corpo de Cristo inclui a todos os que estão unidos a Cristo pela fé. A esta totalidade somente é que se pode aplicar o predicado de católica; é a assembléia e a igreja dos primogênitos. Se a igreja de Roma incluía todos os cristãos que hoje vivem, ou se a igreja grega os incluía, ou se as igrejas reformadas, então qualquer dessas igrejas poderia arrogar-se o exclusivo título de católica. Porém isto é o que hoje nenhuma pessoa de juízo sã pode afirmar com seriedade. *Uma igreja, que deliberadamente exclui uma única pessoa que é membro de Cristo, deixa por isso mesmo de ser católica.* A única igreja católica é, portanto, aquela corporação vista em sua inteireza por Jesus Cristo e fazendo-se visível aos homens por via das igrejas, na proporção em que destas fazem parte os verdadeiros filhos de Deus.”

FALSO E VERDADEIRO

Na escolha de uma igreja, com a qual tem de lançar a sua sorte, deve o homem agir segundo o mesmo princípio que preside a escolha de um empregado, ou a preferência de uma habitação ou de um hospital – visando o que melhor se adapte aos seus interesses espirituais, aparelhando-o para glorificar a Deus na terra e encontrar o caminho para o céu.

JOHN BATE

A igreja que tem o máximo de poder com Deus e também, em seguida, o máximo de potente simpatia para com os homens, essa é a mais verdadeira igreja.

BEECHER

I

No *British Weekly*, excelente hebdomadário londrino, foi estampado um notável artigo de fundo, a 4 de julho de 1912, da aparada pena do editor, Sir Robertson Nicoll, sob a sugestiva epigrafe *Armageddon*. Escrito antes da guerra que enluta e desola o velho mundo, esse artigo causou funda impressão. Referindo-se ao anti-cristo, o eminente jornalista cristão emitiu os seguintes conceitos, de alto senso, e que nos servem de orientação na atitude que nos convém manter para com as corporações religiosas. “Se jamais houve alguma manifestação do anti-cristo – diz ele – parecia ser na tentativa de reconstruir a Confederação do Sul sobre a base da escravidão. Mas nós sabemos que aquela não foi a batalha do anti-cristo contra os santos. Entre o confederados havia muitos cristãos verdadeiros e excelentes, que eram apoiados e auxiliados por muitos cristãos de fora do seu país. É muito raro que o princípio mal se apresenta em sua nudez. Nas piores coisas encontra-se a mistura de elementos bons. O bem e o mal intimamente se entrelaçam. Acampamentos definidos, de um lado somente o bem, e do outro somente o mal, é o que não é possível, para nós, nestes dias de joeiramento, neste tempos embaraçosos. Olhando bem de perto, encontramos o joio a despontar no meio das mais cerradas plantações, e preciosas plantas a despontarem por entre o mais compacto das cizânias.”

Ignácio de Loyola, um dia, no seu zelo cego e estreito, julgou ver arvorada uma bandeira, sob a qual se alistaria toda a verdade e todo o bem, e fora da qual só haveria erro e perversão. E depois do iniciador da ***Companhia de Jesus***, muitos outros tem repetido a mesma aventura, mas com o mesmo resultado.

Pretender, hoje, que uma igreja ou série de igrejas cristãs tenha de suas mãos o monopólio da fé e da verdade, com exclusão de qualquer dos ramos da cristandade, é um absurdo tão monstruoso como o de Loyola, tão repugnante como as arrogâncias dos sabatistas. Declarar peremptoriamente, como alguns, na algidez deliberada da imprensa, que na igreja romana não se encontra nada de cristianismo a não ser o nome, é acalantar um pensamento menos verdadeiro, é formular um juízo extravagante, exagerado, injusto, que será repellido pela consciência dos homens esclarecidos e imparciais.

O romanismo ultramontano afirma que fora do aprisco não se encontra cristianismo, não se encontra salvação. É sem dúvida uma monstruosidade, uma arrogância, uma pretensão exorbitante, sem fundamento. Mas o que mais nos admira é que muitos evangélicos – em minoria, de certo – parecem crer piamente que fora do seu protestantismo não há cristianismo, não há igreja, e alguns acreditam que até nem mesmo há salvação!

Com os católicos romanos nós temos em comum o mesmo Deus, o mesmo Cristo, as mesmas doutrinas fundamentais, a mesma bíblia, a mesma origem histórica, e ainda na igreja romana não há nada de cristão, tudo nela é falso, tudo é rejeitável!

Alguns dos mais belos cânticos sagrados, algumas das mais doces expressões dos anelos da alma cristã, como aquele hino. “Quem me dera, ó Sião, pátria minha,” e inúmeros outros, nós os recebemos do hinário católico romano, e ainda eles não tem nada de cristianismo, a não ser o nome!

A bíblia que mais auxílio nos tem prestado na obra de instruir o povo nas verdades do evangelho, é a tradução de um padre católico romano, o padre Antonio Pereira de Figueiredo, um ministro dessa igreja, que de cristão só tem o nome e mais nada!

Um dos melhores livros da cristandade é a velha obra de Thomaz Kempis, a **Imitação de Cristo**, e nesse livro precioso milhares e milhares de católicos romanos bebem a inspiração de uma vida pacífica e superior. E era esse mesmo livro o predileto dos Whitefields e dos Wesleys, como ainda o é de milhares de cristãos evangélicos em nossos dias. E entretanto, só nós os protestantes é que possuímos toda a verdade, toda a santidade, toda a piedade, toda a doçura, toda a pureza e abnegação, toda a consagração e caridade; só nós é que temos direito ao nome de cristãos, e os católicos romanos, mesmo os mais piedosos e sinceros, esses, coitados! De cristãos só tem o nome, o rótulo, e mais nada! É o cúmulo da paixão partidária, é o extremo da cegueira de um sectarismo estreito e pernicioso!

Que a grande massa do povo, no Brasil, é indiferente à religião ou tem uma religião apenas formalista, muitas vezes um misto de superstição e imoralidades, é um fato patente e contristador, e que deve estimular o nosso zelo ardente em prol dessas almas, que vivem tresmalhadas, como ovelhas sem pastor. É essa a nossa oportunidade, é esse o incentivo, integralmente são, que nos deve impulsionar no trabalho do evangelho no Brasil.

A grande maioria dos membros da igreja evangélica receberam da igreja romana os primeiros rudimentos da religião; lá é que aprenderam, desde a infância, a balbuciar a oração dominical. Havia imperfeições no sistema romanista? Havia erros e supertições, que uma luz mais clara hoje os demonstra? Reconheça-se com franqueza, abandonem-se os erros, mas não se pretenda vilipendiar a parte sincera e boa do passado. Estão hoje filiados a boas igrejas evangélicas? Fizeram muito bem, cumpriram apenas um dever. Mas não se pretenda por isso renegar todo o passado, indistintamente, não se pretenda, como diz o vulgo, cuspir no prato em que se comeu.

Ri-se hoje o professor primário de S. Paulo, ao recordar os métodos retrógrados do antigo magistério, pelo b-a-ba, em algazarra infernal, à toada monótona da tabuada com os noves-fora, parecendo a escola um pandemônio, sob a vigilância tétrica de um mestre, homem de feia catadura, impondo-se pela magia irresistível de uma férula com cinco olhos, espantinho do rapazão, milagrosa Santa Luzia.

E seria justo, seria razoável que um moderno professor, hoje, viesse calmamente afirmar que aquilo não era escola, aquilo não era mestre, não era nada, e que aquilo era o próprio demônio em pessoa?

Apesar de todos os defeitos, apesar de todos os erros, apesar de todos os horrores, aquilo ainda era escola, era ensino, era mestre. E a prova são esses milhares que aí receberam as luzes da instrução, a despeito dos meios violentos e errados. Abandonamos esses métodos? Em nome de nossos filhinhos, rendamos graças a Deus, mas não sejamos injustos para com o velho magistério.

O mesmo princípio tem aplicação aos que, no Brasil, deixaram o catolicismo romano e filiaram-se à igreja evangélica. O processo, que os trouxe para cá, é um processo de evolução, um processo de desenvolvimento, e não de revolução, acalentando despeitos e injustiças para com o passado deles.

Um trabalho evangélico, firme, estável, há de radicar-se conscientemente, primeiro em Cristo e na verdade eterna, e, em segundo lugar, no passado religioso do povo, no que esse passado tem de bom e consistente. As canas rachadas não devem ser quebradas, nem

apagadas as torcidas fumegantes. É esse o método de Cristo, esse o espírito do Mestre, que sabia perfeitamente distinguir entre a perversão dos fariseus e os elementos perduráveis e gloriosos do judaísmo.

O trabalho protestante, no Brasil, para ser consistente e lançar fundas raízes, não deve desconhecer e desprezar os pontos sólidos e sãos, encontrados no próprio meio religioso tradicional; deve socorrer-se desses pontos, inteligentemente, acauteladamente, sem comprometer os sãos princípios evangélicos. E é isto o que se faz com vantagem n'outras terras, especialmente na Itália, como passaremos a ver.

No **O Estandarte** de 20 de julho de 1912, o sr. Joaquim Alves Correa registrou, em um dos seus excelentes **Apontamentos**, a seguinte notícia alvissareira:

“Fundou-se não há muito, na Itália, uma sociedade intitulada “Fides et amor” (fé e amor), à qual pertencem padres católicos e ministros evangélicos. O intuito da sociedade é comentar a Bíblia com abstração completa de qualquer ponto de controvérsia. Um volume do Novo Testamento acaba de sair do prelo com gerais aplausos. O número de adesões de homens eminentes cresce dia após dia.”

E o noticiarista acrescenta: “Que Deus abençoe esse tentamen”. E nós também, em coro com o ilustre irmão e com todos os espíritos amantes da verdade e da paz, não podemos deixar de dizer, com alma e com voz: Amém.

Em face de ocorrências semelhantes, tão cheias de inspiração e ensinamentos, quem poderia ainda afirmar que a igreja romana só tem de Cristo o nome e mais nada?!

Assentar a base do trabalho evangélico na crença de que a igreja romana não possui nada do cristianismo, é lançar um falso fundamento, que não resistirá aos embates de uma sã razão a serviço de uma consciência cristã inteligente.

*

* *

Afim de evitar equívocos, cumpre-nos apresentar, mui claramente, as seguintes observações:

a) Quando mencionamos a igreja romana, com direito aos foros de cristianismo, tomamos por base a flor dessa igreja, e não a sua escoria, e muito menos queremos favorecer as formidáveis pretensões dos seus ministros.

b) Se alguém quiser das nossas palavras tirar partido em abono do sistema de romanismo ultramontano, deve lembrar-se de que é um legítimo filho da igreja evangélica quem se exprime nestes termos; é um filho da igreja evangélica que dá provas de um pensamento livre, amplo, justiceiro, nesse esforço para conservar o equilíbrio da verdade, quer em princípios quer em prática. Palavras não são estas de um fanático, ou de um despeitado, ou de um partidário, mas de um espírito amante da verdade, da justiça, zeloso do reino de Deus. E se algum mérito possui nossa atitude, se algum valor tem um espírito que se aplica a investigar com firmeza e vigorosas questões do dia, não temendo a gritar de uma oposição mal informada ou mal avisada, seja tudo lançado, primeiro à conta do Espírito do Senhor, que o é de luz e liberdade, e, depois, seja levado ao ativo da igreja evangélica neste país. Quem assim se externa e assim se porta é um filho leal e dedicado do cristianismo evangélico no Brasil, é um ministro da igreja presbiteriana.

Tem fortíssima e sobeja razão de ser o trabalho evangélico no Brasil, sem carecer privar dos direitos gerais de igreja cristã ao cristianismo romanista no país, e isso a despeito das fortes e justíssimas objeções que contra o sistema possamos ter.

Se contra nós se erguer um ultra-protestantismo estrábico, que não difere por demais do romanismo ultramontano, mas sem o prestígio tradicional que este possui, uma coisa ao menos nos consola: é a consciência do dever cumprido, a convicção de haver dito a verdade

em tempo e concorrido, ainda que em diminuta escala, para firmar as bases de um consistente e vigoroso trabalho cristão neste país.

Nenhum ramo da cristandade tem o direito de atribuir-lhe egoisticamente os privilégios de verdadeira igreja, atirando sobre os demais a tacha de hipócritas ou pagãos, e como que dizendo: “Nós é que somos a verdadeira igreja; vós sois uma igreja falsa, igreja *“in nomine apenas”*. O absurdo de semelhante pretensão é o que ainda teremos a ocasião de mais detalhadamente demonstrar.

Conferenciando com romanistas, no intuito de trazer-los a um conhecimento mais claro do evangelho e libertá-los dos elementos escravizantes, errôneos e perniciosos do sistema em que vivem, o melhor caminho não é o de ir-lhes atirando pela frente os pontos em divergência, cobrindo de apodos a igreja romana e os seus ministros. O melhor método, que é também o mais justo, o melhor sensato e o mais racional, é apresentar-lhes primeiro, com franqueza, com verdade, com candura, os grandes e importantes pontos doutrinários e básicos, que temos com eles em comum. Confraternizados conosco neste terreno, eles muito mais facilmente compreenderão os verdadeiros méritos dos pontos em que o catolicismo evangélico difere do romanista. Ponham-se primeiro em evidência as grandes afinidades, afinidades que nos irmanam, que nos aproximam e estabelecem entre nós e eles o sentimento salutar de mútua confiança, e só depois é que se exponham as diferenças. Inverter esta ordem resultará, ou em levantar contra nós desnecessários preconceitos, dando ao cristianismo evangélico um aspecto puramente negativo e reacionário, ou então em criar espíritos estreitos, apaixonados, fanáticos anti-clericais, superficiais e estéreis controrversistas, avessos ao genuíno espírito evangélico.

II

Quem tem acompanhado de perto o sistema de puro e deslavado proselitismo, empregado muitas vezes na propaganda protestante no país; quem tem visto o zelo apaixonado e brutal com que certos indivíduos se referem à igreja romana, sem a mínima caridade, sem laivos de candura, identificando-a direta e exclusivamente com a besta e a rameira da profecia apocalíptica; e até igrejas evangélicas, igrejas irmãs, vilmente caluniadas e perseguidas por corifeus armados e corso, e que rodeiam o mar e a terra para fazer prosélitos, a maneira dos fariseus, quem tem presenciado, com o coração a partir de dor e o rosto coberto de confusão, como concílios eclesiásticos tornam-se forjadores de odiosas e iníquas separações, e a mesa do Senhor, símbolo do amor e da fraternidade, a servir de instrumento de insinuações maldosas contra os que servem ao mesmo Senhor e professam a mesma fé; a apoteose imodesta e indiscreta das corporações eclesiásticas, como se a salvação não mais dependera de uma atitude da alma para com Cristo e sim da aderência externa a esta ou aquela agremiação, tal a ênfase dada ao agregado externo e artificial, tal o zelo, tal a veemência molesta; - quem com certa inteligência e espírito imparcial tem ponderado com calma estes mórbidos sintomas, não pode deixar de murmurar entre os dentes, ao menos de si para si: “Vai sem dúvida nisto alguma coisa errada, fora do lugar; alguma idéia falsa tem porventura surgido e medrado em nosso meio.”

Ruminando sobre estes fatos, investigando as suas causas, pareceu-nos que a sua origem vinha de uma errada noção da igreja, reprodução, nas igrejas evangélicas, do mesmo erro do romanismo, erro que, no caso deste, teve a sua atenuante no louvável esforço de assegurar a unidade da igreja, ideal de que não nos é lícito abrir mão, embora o seu cumprimento não seja ainda para os nossos dias.

A idéia errônea, que tem desnordeado o romanismo, assim como também a certos espíritos protestantes, no Brasil, é a idéia de que uma igreja qualquer é verdadeira e que as outras são falsas, ou que um certo número de igrejas, pertencentes a um determinado ramo, são verdadeiras e que as demais são apóstatas ou falsas. Não há igrejas inteiramente falsas, nem igrejas inteiramente verdadeiras, o que há de cristãos verdadeiros e cristãos falsificados, hipócritas, formalistas em todos os ramos da igreja.

Na sua obra admirável, *The, True Church*, “A Verdadeira Igreja”, que recebeu do revisor do *Expository Times*, em 1907, as mais lisonjeiras referências, diz o dr. Allen Macy Dulles, à pagina 218: “Pode haver, em cada igreja separada, muitos que não são chamados de Deus, muitos que não são santos. Nenhuma igreja, separadamente, aventura-se ao nome de santa: Nenhuma igreja é santa. Santas não eram as igrejas às quais se dirigiu o Espírito, no Apocalipse; e entretanto não cessavam de conter verdadeiros santos. As igrejas católicas, assim como as evangélicas, contiveram sempre uma multidão de verdadeiros santos. E entretanto todas as igrejas são corruptas. Santa é que não há nenhuma, nem sequer uma.”

Há geralmente uma grande confusão sobre a igreja, julgando muitos que esta só pode haver quando existe uma organização formal. “A igreja, como tal – diz Charles Hodge - não é uma organização, da mesma forma que a raça humana, como tal, não é uma sociedade. Os homens devem organizar-se e viver em sociedade; mas não é a sua organização que os transforma em homens nem em membros da raça humana. Da mesma forma a igreja, ou os chamados, como tais, não são uma corporação organizada, posto que seja o seu dever organizarem-se. Mas a organização não é que os constitui em igreja (*no sentido lato do termo*), porém, sendo membros da igreja, eles se associam para certos fins prescritos. Parece-nos que grande cópia de raciocínio falso, em conexão com este assunto provém de fazer a organização entrar na idéia essencial da igreja.” (*Church Polity* 205).

Não é a organização, pois, o que constitui essencialmente a igreja; mas pode uma organização representar mais fielmente a igreja do que outra; um sistema de organização pode promover melhor os fins da igreja, ao passo que outro sistema poderá servir-lhe de obstáculo. E daí a liberdade de se preferir um ou outro sistema, sem entretanto quebrar-se a unidade básica da igreja, sem produzir uma essencial solução de continuidade com o passado.

O fato de uma pessoa deixar a organização romanista e filiar-se a qualquer das boas corporações evangélicas, não importa, no fundo, em renegar a religião dos pais no que ela tem de verdadeiro, de fundamental e firme; não é propriamente seguir uma nova religião, mas a mesma religião dos pais, escoimada, é certo, de muitos erros, libertada de crassas supertições e lamentáveis abusos, conhecidos e detestados por todos os espíritos sensatos, livres, tementes a Deus. É apenas uma diferente e melhor maneira de ser da mesma religião dos pais; é a mesma religião, sob novos moldes e mais sábia organização, mas ainda a mesma religião, o mesmo Cristo, o mesmo batismo em nome da Santíssima Trindade.

Foi este o espírito dos reformadores, e esta é, ainda hoje, a única posição sensata, razoável, ponderosa no espírito de homens refletidos.

“A igreja não deve ser porventura organizada? – pergunta Hodge nas notáveis *Popular Lectures*. A isto o eminente teólogo responde: “Sim, mas a organização não é jamais um essencial das igreja. A organização é um simples acidente; é um acidente necessário; é de suma importância para nós; é, segundo o nosso modo de pensar, obrigatória, porque é ordenada. É por via da organização que obtemos solidez e crescimento, e é um poderoso meio de propaganda, no desempenho da grande obra missionária de levar o evangelho até os confins da terra. Mas Cristo não tornou a qualidade de presbiterianos um essencial da igreja.”

“Podeis acrescentar igreja sobre a igreja – continua o mesmo teólogo – e estas são apenas as formas incidentais que assume a igreja universal de Deus, em diferentes ocasiões, sob a direção do Espírito e da providência de Deus, como um grande meio de propaganda, no intuito de consumir a obra, grandiosa e divina, de levar o evangelho até os confins da terra.” (*Popular Lectures*, 207, 208.)

“O cristão – diz o dr. Allen Macy Dulles – não se une a uma igreja com o fim de ganhar a salvação; ele simplesmente associa-se com aqueles que, como ele, são cristãos em virtude da sua fé, da sua esperança e amor. Posto que não buscando a salvação por via de uma igreja, entretanto o cristão evangélico tem razões sobejas para fazer parte de uma comunidade cristã. Ele não pode medrar sozinho. É duvidoso que ele possa viver isolado. Bênçãos há que Deus confere aos cristãos congraçados em sociedade, em coletividade, constituindo uma igreja particular, e que não as confere, não as pode conferir aos indivíduos separados. O primeiro

cuidado, portanto, é o de pertencer a Jesus Cristo; o segundo, é estar em comunhão com os outros que tem a mesma preciosa fé.” (The True Church, 75.)

Tal deve ser, parece-nos, o espírito do trabalho evangélico no Brasil. Assim como do seio do anglicanismo, na Inglaterra, rebentou candente o metodismo, aos estos da palavra dos pregadores cristãos, assim também no Brasil, do seio do romanismo, pela livre pregação do evangelho, há de surgir o evangelismo vigoroso e triunfante, e isto sem pretensões de uma nova religião, sem o labéu incondicional de falsa, atirado à face da igreja romana.

Pretender levantar no Brasil um trabalho cristão em bases diferentes, como se a corporação evangélica fora uma coisa caída do céu de repente, sem raízes no solo pátrio, como acreditavam os efésios com a sua estátua de Diana, é fazê-lo degenerar no abominável e desenfreado proselitismo, que tem sido a nossa vergonha, a nossa humilhação.

III

Mas não haverá um ideal de verdade na igreja como instituição, como organização? Há certamente, e para esse ideal devemos trabalhar com todas as forças, com todas as luzes da inteligência e da experiência e, particularmente, com docilidade plena aos influxos do maravilhoso Espírito de verdade.

Mas em que consiste a verdade da igreja como instituição? Consiste, primeiro, na sua conformidade com o ensino e o espírito apostólico e, em segundo lugar, na sua adaptação, em detalhes, às necessidades espirituais e sociais da época.

O mais que podem lícitamente pretender as igrejas evangélicas, em referência à igreja romana, é serem organizações melhores, mais fiéis representações dos ideais da igreja, oferecendo a prova disto, não tanto por argumentos, mas principalmente pelos resultados práticos das suas atividades, na esfera religiosa, na esfera moral e social. “A igreja que tem o máximo de poder com Deus – diz Beecher – e também, em seguida, o máximo de potente simpatia para com os homens, essa é a mais verdadeira igreja.”

E para conhecer e realizar a verdade da igreja como instituição, quanto estudo calmo e paciente! Quanto embeber, silenciosamente, do espírito de Cristo e seus apóstolos! Quanto perscrutar humilde, ansioso, investigador, das reais necessidades e aspirações da nossa época! As verdades fundamentais do cristianismo são as mesmas em todos os tempos, mas as instituições que o representam e que são, por bem dizer, a sua vestimenta externa, variam conforme os séculos, conforme as raças, conforme as necessidades e circunstâncias de cada povo e de cada geração.

Oh! Que Deus faça, de cada um de nós, o homem do seu tempo, o ministro da sua geração!

Sendo tão difícil e melindroso, como é, o atinar com a verdade da igreja como instituição, o acertar com os métodos e planos que se ajustem as necessidades do presente, quão modestas e precavidas não devem ser as nossas críticas, os nossos juízos sobre outras instituições eclesiásticas! O caso é para tremer e tremer, joelhos dobrados em terra, na presença do Senhor, para que nos guie pelo caminho da verdade em nossas crenças, em nossos métodos, em nossos planos e, muito especialmente, no espírito que nos deve impelir para o trabalho.

Uma verdade é mister que se torne bem clara ao nosso espírito e chegada bem ao vivo à nossa consciência: é que quanto mais presumimos dos nossos acertos e desprezamos aos outros, tanto mais incidimos redondamente em faltas, em fraquezas, em erros lamentáveis.

É desastrada a noção de que uma igreja ou uma ordem de igrejas é plenamente verdadeira e que as demais são absolutamente falsas, e isto pelas seguintes razões:

a) É uma idéia menos criteriosa e, não condizendo com a realidade dos fatos, é fértil em confusão, em desatinos, em desordem. Se mesmo o indivíduo cristão é muitas vezes um misto de verdade e falsidade, um complexo de sinceridade e dolo, um conjunto misterioso de lisura,

escrupulosidades e, ao mesmo tempo, de manha vulpina, de sofismas e detestáveis tramas jesuítas – quanto mais complexas não serão as corporações religiosas, obstando-nos, assim, de um juízo terminante sobre elas!

b) Sendo injusta e errônea, entristece ao Espírito, inibindo a sua ação vitalizante da nossa atividade.

c) É fatora de presunção e descuido. O ministro da igreja ou de uma ordem de igrejas que se arvoram como únicas legítimas e verdadeiras, considera-se também o ministro legítimo, verdadeiro, em oposição aos das outras, que são uns impostores, usurpadores. Ele e os seus companheiros, em alguns casos somente os da mesma seita, são os prepostos de Deus, os favoritos de Deus, os únicos autorizados a pregar a palavra e a dispensar os sacramentos!

E o resultado é que os tais favoritos de Deus são tentados a se desobrigarem do dever da vigilância em oração, em estudo conscienciosos, e no zelo das almas entregues aos seus cuidados. E é isso o que acontece geralmente com os ministros da igreja romana no Brasil. Ministros de uma igreja infalível, únicos despenseiros das graças de Deus, podem dormir tranqüilos à sombra dos seus estupendos privilégios.

O mesmo risco corre o ministério protestante, se presumir que ele é o único verdadeiro, o único legítimo, o favorito de Cristo.

Assim como não há propriamente igrejas falsas e igrejas verdadeiras, nem bíblias falsas e bíblias verdadeiras, mas uma só igreja e uma só bíblia, assim também não há propriamente um ministério falso e um ministério verdadeiro. O que há é apenas o seguinte: ministros fiéis e ministros infiéis, e disso é que cada um de nós, tanto padres como ministros evangélicos, havemos de dar contas pessoalmente a Deus.

E se nós, ministros evangélicos, somos mais fiéis e mais verdadeiros ministros de Cristo do que os sacerdotes romanistas, não é necessário que o divulguemos com as nossas próprias palavras ou com argumentos que os deprimam: reconhecer-lo-ão as almas, iluminadas, renascidas, abençoadas e prosperadas pelo nosso ministério.

É mais como indivíduos, do que mesmo como coletividades, que o Senhor nos chamará as contas no derradeiro dia. “Cuida do ministério que recebeste do Senhor, para o cumprires.”

Coisas muito apregoadas, com ares pretensiosos, embora sejam ótimas, tornam-se suspeitas.

IV

Qual a verdadeira e suprema razão de ser do catolicismo evangélico? A resposta, a esta pergunta, é o nosso presente objetivo.

A real grandeza, a utilidade máxima de uma instituição ostenta-se apenas quando em seu próprio lugar e quando é vista em suas justas proporções. É uma acertada resposta ao presente quesito é, sem dúvida, de imenso alcance para a causa do cristianismo em toda a parte e, muito especialmente, para os cristãos evangélicos no Brasil.

Com os indivíduos, mormente em anos de inexperiência, é forte, em muitos casos, a tentação do exagero de si e do seu trabalho particular, não por um puro e sadio sentimento de responsabilidade – o que seria justo e louvável – mas por egoístico desdém e criminoso apoucamento das pessoas e dos trabalhos dos outros.

O que ocorre com os indivíduos, ocorre não menos com as individualidades coletivas, quando se olham com maus olhos, em espírito de inveja e de rasteiras rivalidades, exagerando as diferenças que as separam, erguendo barreiras desnecessárias, sem amor, sem tolerância, sem largueza de vistas, sem a síntese dos ideais superiores.

Não é nosso propósito, nas considerações que ora fazemos, atenuar nenhum dos erros e manifestas falhas do romanismo; não queremos acobertar a sua intolerância cruel, nem muitas das suas doutrinas e práticas que, aos olhos de uma consciência cristã esclarecida, parecem abstrusas. Queremos apenas despertar a atenção dos evangélicos, pois a estes nos dirigimos, sobre a atitude que devem manter para com os católicos romanos.

Se nos aplicarmos ao mister de exhibir em público, desnecessariamente, por mero espírito de rivalidade ou despeito, as chagas do romanismo, correremos o grande risco do contágio, de que assaz já temos sofrido as conseqüências. Sentiremos arrefecida em nós a fúria de apedrejar os homens e as instituições, as casas dos outros, uma vez que nós lembremos dos vidros, e estes bem frágeis e não poucos, que se encontram em nossos próprios telhados. E por isso bem nos fica a humildade, a modéstia, a moderação, a circunspecção no modo de julgar e tratar os outros.

A amargura recíproca, seguida de ásperas invectivas, entre as várias comunidades protestantes no Brasil, é apenas o mórbido reflexo da atitude de incondicional oposição, da parte dos evangélicos, para com os elementos religiosos que preponderam no país.

Há anos – e disto jamais nos esquecemos – um dos ministros experimentados, um dos mais moderados e judiciosos, que também provara as mais pungentes desilusões, dizia-nos que uma das causas das nossas discórdias e lutas intestinas, esse mútuo desrespeito até entre ministros, era o resultado da nossa própria sementeira. No ânimo dos nossos inoculava-se, desde cedo, o princípio de ser virtude e obra meritória o da batalha, devastadora, sem tréguas, sem candura e sem piedade, aos padres; e agora esse mesmo espírito, disciplinado nas arremetidas furiosas contra o clero, assestava e disparava as armas contra os próprios companheiros – sem delicadeza, sem cortesia, sem respeito, desumanamente.

Muito se fala de uma aproximação entre as várias comunidades evangélicas no Brasil, almejando-se mesmo a um conagração orgânico, trazendo delas um todo unido, forte vitorioso. Mas um tal desiderato, em si tão nobre e genuinamente cristão, nunca será realizado, enquanto não for assentada, com justiça, com amor, com espírito cristão, a atitude que nos cumpre manter para com o cristianismo romanista. Essa atitude não é a da oposição sistemática, maldosa, envenenada, mas a de nobre e leal concorrência, e de saudável emulsão no campo das atividades religiosas. O grande inimigo nosso não é propriamente a igreja romana, mormente à sombra das instituições republicanas, mas a incredulidade, a impiedade sob todas as formas, sob todos os pretextos. Que sejam os romanistas para conosco intolerantes, apaixonados, cegos, correrá por conta deles; mas nós é que nunca devemos pautar a nossa conduta pelo incorreto proceder dos outros, nem retribuir intolerância com intolerância, anátemas com anátemas, injustiças com injustiças. “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.”

O que almejamos não é essa ingênua simpleza que vê tudo cor de rosa, essa docilidade parva que se submete a todas as velhacarias em nome da religião, mas é o espírito superior, que sabe discernir, que sabe fazer justiça e a faz sem receio, sem reboços, sabendo que o reino de Deus é justiça, é paz e gozo no Espírito Santo. O reino de Deus não é uma seita, não é um partido, mas compreende tudo o que há de verdadeiro, de santo, de justo e de enobrecedor em todas as comunidades religiosas e civis.

É extremamente pernicioso o hábito de realçar e exagerar diferenças dogmáticas, atirando o labéu de hereges aos que não rezam, com exatidão pela nossa cartilha religiosa. O extremo oposto de um erro quase nunca é a verdade, mas é outro erro, não menos perigoso. E, depois, vamos e venhamos: é sobremaneira difícil, e mesmo impossível escapar-se à tacha da heresia. Porque isso depende do ponto de vista de que cada um considera o credo do seu irmão, emprestando-lhe muitas vezes até estranhos motivos e crenças que não professa. Argumentos é que não faltarão jamais ao rabulismo despeitado.

Pois até em nós mesmos, que nós temos em conta de presbiterianos de contorno e de prosápia ilustre, com as nossas igrejas-mães, experimentadas, escrupulosas, restritas até quase as raias do fanatismo, e com os seus teólogos anciãos, veneráveis, fiéis aos termos dos vetustos símbolos, das Escrituras, - não é que até em nós mesmos e em nossas igrejas-mães, com todo o seu cortejo de venerandos anciãos, se descobriu uma heresia monstruosa, inaudita, tresandando a nauseante e ascoso bodum de horríveis caprinos que mugem, cavalgados, negros, sinistros, nas caladas das noites ominosas, em cubículos suspeitos, soturnos, nas imediações do reino tenebroso! Alarmam-se as igrejas, chovem as adesões,

vedam-se os púlpitos, barreiram-se as mesas da comunhão, reputa-se um delito a expressão mais viva da fraternidade dos cristãos!

E a mais ainda se abalança o zelo da ortodoxia procustiana: profanam-se os sacramentos, rejeitando-os, como inválidos, só porque não obedeceram a certas formalidades exteriores, ou porque não foram ministrados por certa classe de cristãos, os únicos legítimos, os únicos autorizados! Até nos cálices da comunhão, usados com a liberdade do evangelho, encontram-se heresias, tão graves, tão formidáveis, que importam na negação da divindade do Salvador e na disseminação de escândalos na igreja!

A quem, de palanque, houver observado estes fenômenos do protestantismo no Brasil, parecerão eles certamente repulsivos e em extremo ridículos. O de que necessitamos, hoje, é de um ponto de vista mais elevado e de uma visão mais ampla do reino de Deus.

Não temos em mira absolutamente o menosprezo das doutrinas, especialmente as doutrinas fundamentais da cristandade, e não reputamos como questões de pouca monta os ímpios desvios da fé cristã, sintetizada admiravelmente no Credo dos Apóstolos. Entretanto nos cumpre estar de sobreaviso, para não atearmos de novo, irrefletidamente, as chamas da inquisição, as quais, se não devoram hoje, crepitantes, as carnes humanas, pela simples razão de não lhes assistir, como outrora, o braço secular, contentam-se com abocanhar a reputação dos outros, espedaçando a fraternidade cristã, roubando desnecessariamente a paz e a harmonia das famílias.

Amaldiçoar por suas falhas o clero romanista, é tarefa que não exige nem grandeza d'alma, nem elevação de princípios, nem conduta modelar. Os que mais apaixonadamente vozeiam contra os tiranos, se já não estão praticamente procedendo segundo as mesmas normas, estão em geral aparelhados para fazê-lo no primeiro ensejo. A dificuldade não está em bradar contra a intolerância: a dificuldade, a tremenda dificuldade cifra-se exatamente em ser-se pessoalmente liberal, não por indiferença, nem por moleza ou ignorância, , mas com inteligência, com zelo, com amor, no espírito de Cristo.

A heresia máxima, fatora de quase todas as demais, é a heresia do coração e do caráter – a falta desse amor magnânimo, desinteresseiro, alheio a inveja, e que tudo encobre, tudo sofre, tudo espera, que não se irrita, que não suspeita mal, reverente, respeitoso, sem prazer na injustiça, alegre com a verdade.

Não nos compete, senão em proporções muito modestas e cautelosas, o formular juízo sobre os nossos irmãos e especialmente sobre as corporações religiosas. Se a personalidade do nosso irmão é, como diz o provérbio russo, uma selva espessa e misteriosas, quanto mais espessas e misteriosas não serão as selvas das coletividades religiosas, em que concorrem elementos tão variados, dificultando um juízo seguro e terminante sobre o todo! A Deus é que compete o julgamento; a nós, porém, o simples desempenho do nosso dever, com singeleza, com modéstia, com amor.

A atitude verdadeira, acertada, para com o catolicismo romano, não é a da oposição, direta, sistemática, provocadora, presumida e temerária, mas simplesmente a da concorrência, nobre, leal, magnânima, que sabe ver com bons olhos, primeiro o lado bom das coisas e, depois, o lado oposto, e isto com candura, com imparcialidade, com justiça. Ao romanismo ultramontano convém, a todo o transe, a política de oposição, a política de suscitar preconceitos e odiosidades mútuas; quanto a nós, porém, só nos é vantajosa a concorrência, pela razão de que os nossos princípios, mais vigorosos, libertadores da consciência individual e coletiva, terão a preponderância.

Qual seja a igreja romana ou qualquer outra que pretenda disputar-nos o terreno, não nos fica bem julgar: Deus que julgue, Deus que recomende e exponha às claras a realidade das coisas. “Não é o que a si mesmo se recomenda que é aceito a Deus, mas é aquele a quem Deus recomenda”.

Ponhamos mãos ao trabalho, em nome de Cristo, em nome das necessidades espirituais dos nossos semelhantes, que vivem, como os vemos, desgarrados, necessitados, como ovelhas sem pastor.

Estão as almas a espera apenas de quem lhes faça ouvir a voz de Cristo, a voz da verdade, a voz do amor. E quem se atirar ao trabalho por amor de Cristo e pelo singelo amor das almas, e não por um zelo invejoso de partido, ou puro proselitismo, não tem que recear a concorrência: o seu bom êxito será seguro. Certamente não faltarão jamais provocações contumeliosas, e por isso mesmo é necessária toda a cautela e vigilância, para nunca se retribuir, intolerância com intolerância, amargura com amargura, ódio com ódio, difamação com difamação.

A razão de ser do catolicismo evangélico não é propriamente que o catolicismo romano seja um acervo de heresias e de torpezas – isso de heresias é muito elástico, como vimos; e quanto às torpes ocorrências, não convém muita afoiteza em apedrejar a casa alheia. A razão suprema de ser do catolicismo evangélico, no Brasil, são as necessidades espirituais e sociais dos nossos patrícios, pelas cidades, pelos sertões – ignorantes, supersticiosos, indiferentes, sem a luz benfazeja da verdade que liberta.

Se melhor do que a agremiação romanista, ou do que qualquer outra, nós representamos as palavras e o espírito de Cristo, reconhecer-lo-á o povo em nossas vidas, em nossas palavras saturadas de graça, em nossos trabalhos, em nossos métodos, e especialmente nos frutos espirituais e morais da nossa atividade. Desnecessários se tornam os longos arrazoados, as amargas disputas, nessa detestável campanha de mútua difamação.

Há poucos dias, um antigo e experimentado caixeiro viajante fazia a um seu colega mais moço, a quem ele iniciava na mesma carreira, a seguinte observação, altamente judiciosa:

“Olhe, F., você nunca se iluda, pensando que os seus artigos se recomendarão por difamar os dos outros.”

Quanto ensinamento neste simples aviso! Oxalá fosse ele entalhado na alma e na consciência de todos os obreiros do evangelho!

Homens do comércio, em coisas mínimas, não é justo que possuam melhor senso que os dispenseiros da palavra do Senhor.

V

Saibam todos os nossos patrícios que nós não pregamos uma nova religião, mas a mesma religião de que eles possuem os preciosos fundamentos; não um outro Cristo, mas o mesmo Cristo; não essencialmente uma nova igreja, mas a mesma igreja das suas tradições, apenas em moldes mais verdadeiros, mais livres, mais razoáveis, mais consentâneos com os princípios e os métodos do evangelho, mais adequados às necessidades espirituais e sociais da presente geração. É entretanto a mesma religião, o mesmo Cristo, a mesma igreja, o mesmo batismo, selo comum e bandeira que aproxima e irmana todos os grandes ramos da dispersa cristandade.

E foi esta, precisamente, a posição assumida pelos reformadores, os quais, segundo Lindsay, nunca pretenderam criar uma nova igreja.

“Nenhum dos reformadores – diz o insigne professor presbiteriano da Escócia – nem Lutero, nem Zwinglio, nem Calvino, cuidaram que em buscar servir a Deus de um modo mais simples, conforme às Escrituras e consoante ao assentimento da experiência íntima e espiritual, estavam por isso desertando da igreja. O que eles faziam era apenas abandonar o papa e recusar a comunhão espiritual com ele: mas eles não renegaram, segundo o seu pensar, a igreja em que nasceram, na qual foram batizados e em cuja comunhão tinham adorado desde a infância.”

“A reforma, para eles, não importava em deixar a igreja dos seus antepassados. Não tinham eles a pretensão de fazer uma nova igreja, muito menos criar uma nova religião. A religião, por eles professada, era a religião do antigo testamento e a do novo, a religião dos santos de Deus desde o dia de pentecoste até o fim dos tempos. A obra deles não era a de fundar, uma nova igreja, mas apenas arrancar da escravidão para a liberdade a velha igreja dos apóstolos.” (The Reformation, 181, 183).

Abandonem-se pois, para sempre, as loucas disputas de igrejas falsas e igrejas verdadeiras; deixe-se isso para o clero ultramontano, se este assim houver por bem. E quanto a nós, como corporações cristãs, seja o nosso firme propósito demonstrar, por nossas obras, pela simetria e equilíbrio dos nossos conceitos, pelo nosso amor cristão, por um espírito manso e paciente, pacífico e pacificador, por um sincero zelo em favor das almas desgarradas, que somos uma fiel companhia de discípulos de Cristo. É isso o que demonstrará, de um modo incontestável, a razão de ser da nossa igreja particular. E a benção de Deus será o selo sagrado das nossas credenciais.

Mas a propósito dos que exageram a necessidade das controvérsias e que as promovem já por vezo ou mania inveterada, não poderíamos dizer melhor do que com as palavras do grande John Duncan, da Escócia. “o mero controversista – diz ele – que pretende estar sempre no mais furioso do combate contra o erro, não merece mais respeito que o jogador de socos.”

O golpe mais fundo, o golpe mais certo que o cristianismo evangélico há de vibrar sobre a arrogância da cúria, não é demonstrar que nada tem a igreja romana de cristã, o que absolutamente não condiz com a verdade; basta apenas provar que ela não é, como pretende, a única igreja de Cristo, nem tem direito ao título exclusivo de católica, título que pertence, de direito, a toda a igreja em sua universalidade.

Ir além e pretender cancelar da lista das igrejas a qualquer corporação que, de uma forma ou outra, reconhece como supremo a Cristo, é deixar o terreno seguro e pisar em terreno falso. Se o romanista nos exclui, e não nos reconhece de forma alguma, fomentando injustos despeitos contra nós, pior será para ele. Imitar porém o romanismo e assumir contra ele uma posição extravagante, é incidir no mesmo erro, é reproduzir as suas mesmas faltas, apenas sob novas formas.

E esta posição exagerada, visivelmente injusta em seus excessos, assumida por certa classe de obreiros protestantes, é o que tem entibiado, parece-nos, o interesse das missões evangélicas para os países romanistas.

O corretivo do erro ultramontano não é um protestantismo ultra, mas é a verdade do evangelho em sua simetria, em sua inteireza, em suas justas proporções, em seu poder, no espírito liberal e fraternal de Cristo.

“O apóstolo Paulo – diz F. Robertson – encontrou em Athenas um altar ao Deus desconhecido. Ele não fez anunciar em Athenas conferências sobre a traficância dos sacerdotes pagãos; nem ele tentou desvendar, no areópago, um mistério todo de iniquidades e um sistema de abomináveis idolatrias – como é o costume nas controvérsias nossas, que às vezes são mesmo bem nossas! – porém ele desembaraçou do erro a verdade, e deixou os erros entregues ao próprio fado. A verdade medrou, cresceu, e os erros, em silêncio, de vagar, feneceram.”

“Eu vos rogo, irmãos – continua ele – que não tomeis parte nessas truculentas associações que visam exclusivamente a extirpação de erros. Há nelas um espírito que é mais da terra que do céu; são míopes também, e fadadas à própria destruição. Eles não fazem conversos a Cristo, porém meros controversistas e sequazes de partidos. Rodeiam o mar e a terra para fazerem um prosélito. Se o que na requesta prevalece é romanismo ultramontano ou um protestantismo vermelho, isso pouco influi; porém é de suprema importância se nós, no conflito, perdemos ou não alguma preciosa verdade cristã, e talvez até o mesmo espírito do cristianismo.”

Um só Batismo

Um só Senhor, uma só fé, um só batismo.

S. PAULO

Reconheço um só batismo para remissão de pecados.

CREDO NICENO

O sacramento do batismo só deve ser administrado uma vez ao indivíduo.

CONFISSÃO DE FÉ.

Uma coisa é denunciar o sistema romanista, e outra dizer que os romanistas não são parte da igreja católica. E se eles estão na igreja, o seu batismo, consistindo de lavar com água em nome da Trindade, é batismo cristão; da mesma forma que a palavra de Deus, lida ou pregada por eles, é ainda a palavra de Deus, e como tal deve ser recebida e obedecida.

CHARLES HODGE

I

Será nulo, porventura, o batismo que a igreja romana administra?

Para um batismo, ou mero anti-pedobatista, que terminantemente rejeitam o batismo de crianças, com ou sem razão, seria o caso muito simples. As crianças, segundo eles opinam, não podem ser pelo batismo consagradas; batizadas só o podem ser adultos, mediante a confissão de fé pessoal. Neste caso, o rebatismo de romanistas, embora no fundo um desacerto, seria ao menos coerente com os princípios professados.

Porém a questão é muito outra, quando se trata de igrejas evangélicas que reconhecem, que adotam o batismo infantil. Como a igreja romana, elas consagram a Deus pelo batismo os filhos menores, e não julgam de necessidade a imersão.

Qual a razão, pois, de rejeitar-se o batismo romanista? Por que motivo tornar-se a batizar os que em criança já foram dedicados a Cristo pelo batismo no seio dessa igreja? Em que consiste a nulidade de um tal batismo?

A opinião geral da igreja em todo o mundo, no oriente, no ocidente, na Europa, na Ásia, na América do Norte, inclusive as igrejas presbiterianas, metodistas, luteranas, anglicanas, congregacionalistas, valdense e episcopais, é de que o batismo romanista é válido e por essa razão não tornam a batizar os católicos romanos que abraçam os princípios evangélicos e se unem às corporações reformadas. Eles são recebidos na igreja mediante apenas o testemunho de uma vida renovada e uma profissão pública de fé. Exceção a esta regra constituem naturalmente os batistas e quantos professam crenças anti-pedobatistas, e também lá uma ou outra pequena facção da igreja presbiteriana como, por exemplo, a do Brasil.

A praxe do rebatismo, praticada no Brasil, constitui uma exceção apenas, uma anomalia, quer na prática universal da igreja, quer na opinião dos mais abalizados teólogos presbiterianos. O consenso geral das igrejas pedobatistas, em todo o mundo, é contra o rebatismo.

Na última reunião da Aliança Evangélica, no Rio, quando alguém argumentava com a praxe, que lhe parecia geral, de rebatizar os romanistas que se unem às igrejas evangélicas, levantou-se um dos presentes, ilustrado pastor de uma das igrejas evangélicas daquela capital, o dr John G. Meem, e declarou positivamente, em uma expressão mais ou menos como esta:

“A prática de rebatizar não é geral; a minha igreja, por exemplo, não rebatiza, e nem tão pouco as igrejas presbiteriana e metodistas nos Estados Unidos.

”A esta afirmação do criterioso pregador ninguém se levantou a objetar, apesar de lá se acharem presentes vários missionários estrangeiros, presbiterianos e metodistas. Em carta que esse irmão teve a gentileza de nos dirigir, por solicitação nossa, ele reitera o mesmo acerto, com a permissão de stampa-lo nestas páginas, dizendo: “As igrejas pedo-batistas, nos Estados Unidos, não rebatizam os convertidos do romanismo”. E referindo-se mais particularmente à igreja evangélica episcopal, a que ele pertence, assim se externa o mesmo ministro: “Eu afirmo, desde já, que a **igreja episcopal**, em todos os seus muitos ramos, não pratica, como nunca praticou, o rebatismo de pessoas devidamente batizadas na igreja romana.”

A inovação, a esquisitice, não é o fato de aceitar-se a validade do batismo da igreja romana, mas é exatamente o oposto. A praxe do rebatismo é que vem de encontro ao consenso da igreja universal, não só na atualidade, como desde as eras mais remotas, como teremos ocasião de demonstrar.

Argumentar, como alguns, que os elementos acessórios, tais como sal e azeite, invalidam o batismo romanista, é desconhecer a própria crença dessa igreja quanto aos essenciais do batismo. O fato da igreja romana reconhecer oficialmente a validade do batismo de igrejas que do seu ponto de vista são heréticas, é a cabal demonstração de que tais elementos não entram na essência do batismo. E este argumento é tão falho, que são muito poucos, hoje, os que a ele ainda recorrem.

Mais sensata, neste ponto, do que certos protestantes no Brasil, a igreja romana confessa que, sejam quais forem as menores diferenças cerimoniais, ou mesmo doutrinarias, entre as várias corporações da cristandade, a essência do batismo não se altera, e por isso é que os seus cânones vedam que sejam de novo batizados os que uma vez já o foram, embora por corporações reconhecidas por ela como heréticas.

Mas se alguém objetar que a igreja romana reconhece até o batismo por leigos, e não impõe, como necessária para a validade do ato, a presença de um ministro ordenado, nós responderíamos que nisto, embora nos pese, a sua crença não é inconsciente com o espírito do Novo Testamento, o ato de batizar não é aí consignado a uma classe privilegiada, mas é consignado à igreja. Nós relegamos ao ministério o poder exclusivo de batizar, somente por conveniência e ordem, da mesma forma que lhe outorgamos o privilégio de abençoar solenemente, em nome de Deus, ao povo. E para que não se diga que são idéias romanistas, vejamos o que, sobre o assunto, diz o Dicionário Bíblico, em um volume, de Hastings. No batismo, segundo o erudito dicionário, são reconhecidas três partes: o batizando, o ministrante e Cristo. Tratando da segunda destas três partes, assim se expressa o escritor: “A Segunda destas partes é a comunidade cristã ou a igreja, e não propriamente a pessoa que o administra, a qual muito propositalmente não é posta em destaque”. (1)

Porém o argumento mais forte, de que costumam lançar mão os partidários do rebatismo, não é nenhum destes mencionados, cuja fraqueza facilmente salta aos olhos. A razão mais forte, que eles invocam para anular o batismo romanista, e que de fato seria decisiva, se não pecasse exatamente pela base, é a que poderíamos expressar no seguinte raciocínio:

*O batismo é um privilégio exclusivo da igreja de Cristo;
Ora a igreja romana não tem nada de Cristo, a não ser o mero nome;
Portanto é nulo o batismo romanista.*

Perfeitamente! A argumentação, em si, é muito lógica, o silogismo é perfeito, é impecável. Se estivéramos em uma simples aula de lógica, estudando apenas as leis do raciocínio, nada teríamos a opor. Mas como tratamos de fatos, de verdades objetivas, importa examinar cuidadosamente cada uma das premissas, porque, como diz Bacon, a verdade do

simbolismo repousando sobre as premissas, se estas forem adotadas sem exame, o valor do raciocínio é nulo.

(1) Sobre esta questão veja-se ainda Charles Hodge's *The Church and its Polity*. Pag. 200.

Vamos pois, à primeira premissa: *O batismo é um privilégio exclusivo da igreja de Cristo*. A esta proposição nada pode ser objetado, porque é reconhecida como uma verdade universal.

Façamos o mesmo com a Segunda: *A igreja romana não tem nada de Cristo, a não ser o mero nome*. Será verdadeira esta proposição? É exatamente aqui onde falha o argumento dos rebatizadores, porque ninguém, a não ser alguns poucos protestantes extremados, aventura-se hoje, em tese, a uma tal afirmação. A igreja romana, apesar de todas as suas grandes falhas, especialmente nos países em que tem sido exclusivo o seu domínio, não pode deixar de ser reconhecida, como foi amplamente demonstrado, entre as igrejas de Cristo. Não é, como pretende ela, a única igreja, mas é uma das igrejas e uma das que mais carecem de reforma. Negar-lhe em absoluto o título de cristã, é descambar pelo caminho da paixão e da injustiça, de onde nos podem somente advir maus resultados, como o tem provado, de sobejo, a experiência.

Formulando de novo o raciocínio, em suas verdadeiras premissas, temos o seguinte:

O batismo é um privilégio exclusivo da igreja de Cristo;

A igreja romana, apesar dos pesares, é uma das igrejas de Cristo;

Portanto é cristão e válido o batismo romanista.

Toda a questão, como vemos, gira em torno de um ponto apenas: é reconhecer ou não reconhecer a igreja romana entre as igrejas de Cristo. É esta a linha divisória das opiniões. A questão do batismo é apenas um corolário desta.

Não asseveramos nós tantas vezes, e com sobras de razão, que a bíblia romana é verdadeira, e que não passa de uma burla, e miserável evasiva, a distinção de bíblias falsas e bíblias verdadeiras? Entretanto a bíblia romana contém vários livros, em excesso, que não aceitamos por canônicos. Deixou porventura, por esse motivo, a bíblia romana de ser bíblia? Certamente que não. E porque? Não contém ela os livros que são apócrifos? Mas é que a par desses livros, que rejeitamos, lá se acham também os que aceitamos e todos os aceitam por canônicos. São estes, e não os apócrifos, os que assinalam o caráter fundamental da bíblia romanista, que é por isso considerada genuína.

O mesmo raciocínio poderíamos aplicar ao batismo romano e à igreja romana como um todo. Apesar de todas as incrustações, apesar de todos os acréscimos e abusos condenáveis, lá se acham entretanto, firmes como as rochas, as doutrinas fundamentais da fé cristã, consubstanciadas claramente no venerando Credo dos Apóstolos. E se for levada a questão para o lado prático, poderemos constatar também, hoje e nos tempos passados, milhares e milhares de almas crentes, vidas puras e santas, no seio dessa igreja.

Mas alguém dirá: "Eles estão lá, mas não são de lá". De onde são então? O mesmo poderão dizer, como de fato dizem, os romanistas quanto aos eminentes cristãos protestantes. De um General Booth, por exemplo, eles podem dizer: "Viveu entre os protestantes, é certo, mas de lá ele não era. Um homem, que bem ficaria ao lado de um S. Vicente de Paula, não podia ter sido protestante". O fato, porém, é que um S. Bernardo, um S. Vicente, eram católicos romanos, e um Livingstone, um Booth, e muitos outros, genuínos protestantes; ou antes, nem protestantes nem católicos, mas todos eles verdadeiros cristãos, almas abrasadas no amor de Cristo e iluminadas ao esplendor das realidades eternas, e que nobremente souberam transcender o convencionalismo do dia, brilhando como sóis, no alto, difundindo bênçãos, esparzindo alegria e salvação.

Se tais fatos, embora reais, não convém dizer ao povo, para não jarretar o nosso entusiasmo, para não tolher o agressivo da nossa atividade, para não atenuar a razão de ser

do trabalho protestante, será nesse caso outra questão, uma questão apenas de adaptar os nossos trabalhos aos moldes da *Companhia de Jesus*...

Mas não é este, graças a Deus, entre os evangélicos, o espírito da grande maioria, mesmo dos que assumem posição extremada contra Roma. Justiça seja feita.

Se algum acatamento merece o consenso geral da igreja em todos os tempos, nos séculos passados e em nossos dias, então a praxe do rebatismo de romanistas, posta em voga no Brasil, em certo meio evangélico, não tem razão de ser, não resiste a uma análise séria de qualquer espírito cristão sem preconceitos, como teremos ocasião de ver mais claramente.

II

Vamos ouvir agora, sobre a questão, o depoimento de alguns homens de reconhecido prestígio no mundo evangélico, para que ninguém cuide que trazemos novidades, ou inovações, ou liberalismo perigoso, no dizer de alguns.

Há um notável escritor, cujo testemunho, sobre o assunto, é no mais alto grau valioso, sob muitos aspectos. Ele não pode ser acusado de só conhecer o romanismo através do prisma dos países protestantes, onde a influência evangélica o tem modificado, visto ser ele um filho da Itália, dessa mesma terra em que tem assento o Vaticano. Dele não se pode também dizer que vê as coisas romanistas com os olhos liberais e complacentes dos protestantes de nascimento, porque ele é um ex-jesuíta, tendo servido essa sociedade, como ele mesmo afirma, pelo espaço de vinte e sete anos. Nem lhe cabe a peça de modernista, na acepção radical do termo, porque ele próprio declarou aos modernistas italianos e ingleses, especialmente ao padre Tyrrel, que nunca entretém simpatia pelas suas idéias, por julgá-las insustentáveis, à mingua de um fundamento sã. E muito menos poderão acoima-lo de ignorante ou mal informado, visto ser ele um erudito e escritor de nomeada: - é o eminente professor Giorgio Bartoli.

Na sua famosa obra, que teve as honras de uma versão inglesa, sob o título *The Primitive Church and the Primacy of Rome*, ele rebate vigorosamente as pretensões exclusivistas de Roma, mantendo a única posição, lógica e coerente, que aos evangélicos é dado sustentar.

E uma das razões mais fortes, que o erudito italiano assenta contra Roma, é a crença universal da igreja, inclusive a de Roma, sobre a unidade do batismo.

“Um Senhor, uma fé, um batismo” – diz o professor, citando as palavras do apóstolo. “E esta verdade – continua ele – vem corroborar, de um modo decisivo, essa concepção mais ampla da igreja. Desde a controvérsia de S. Cipriano com o papa Estevão, acerca da validade do batismo dos heréticos, todo o mundo cristão mantém a validade do batismo por eles conferido. Há portanto *um só batismo*, o batismo do Senhor, o batismo que alista o cristão no exército da igreja. Esta é a doutrina oficial, não só da igreja romana, como também da igreja universal.” (Pag. 26).

Por onde se vê que essa distinção, que pretendem alguns, entre batismo válido e batismo nulo, especialmente entre os grandes ramos da cristandade, não tem razão de ser, tendo contra se o consenso da igreja universal, inclusive o das igrejas evangélicas pedobatistas nos Estados Unidos, tais como a presbiteriana, a metodista, a episcopal, a congregacionalista, as quais aceitam como válido o batismo devidamente administrado na igreja romana, e não rebatizam, como vimos, os convertidos romanistas, recebendo-os apenas por uma pública e solene profissão de fé. Esta é a regra, lá e em todo o mundo, constituindo meras exceções os poucos casos ao contrário.

Porém ouçamos ainda o testemunho de um celebrado teólogo o pastor evangélico em Genebra, na Suíça, Benedicto Pictet. Na sua obra de teologia, que goza de súbito conceito, tendo feito jús até a ser translada para a língua inglesa, assim se exprime o teólogo helvético: “Outra questão é, é legítimo o batismo que administram os heréticos. A isto respondemos que uma distinção deve ser feita entre os heréticos que corrompem a substância do batismo, e aqueles que conservam os essenciais e mantêm a verdadeira doutrina da Trindade, embora

estejam em erro sobre outros pontos de doutrina, como outrora os novacianos e donatistas e, presentemente, os romanistas. Com respeito à primeira classe de heréticos, nós dizemos que o batismo, por eles ministrado, não é válido; mas no tocante à outra classe, dos que retêm os essenciais do batismo, não mudando nem corrompendo a essência, nós mantemos que o batismo, por eles conferido, é válido e é legítimo". (Pag. 417).

Esta tem sido a posição da igreja evangélica francesa, desde os tempos de Calvino, o qual apresentou ao Sínodo Nacional, em 1563, uma carta contra o batismo leigo, defendido por alguns, que se escudavam, para isso, na validade reconhecida no batismo dos padres. Era assim que se expressava o grande reformador: "O batismo papal é baseado na instituição de Cristo; pela razão de que os padres, embora perversos como são, e corruptos, são *entretanto os ministros ordinários daquela igreja*, na qual se portam de um modo tão tirânico". (*Quick Synodicon*, vol. 1, pag. 48).

"A igreja holandesa – diz o dr. Hodge – concorda com a igreja francesa em considerar o padre romano como autorizado a ministrar o batismo. Tal tem sido, também, a constante doutrina da igreja luterana e da igreja inglesa. Efetivamente, não sabemos de igreja alguma, que tivesse jamais assumido posição contrária." (*Church Polity*, 204).

"É pois a doutrina da igreja universal – diz o mesmo dr. Charles Hodge, de Princeton – que o batismo administrado em nome da Trindade, por um que professa crença nessa doutrina, tal batismo não é nulo por motivo da heresia. Tal é a doutrina dos nossos símbolos, que declaram que o batismo é um lavar com água, em nome do Pai, do filho, e do Espírito Santo. A razão deste modo universal de encarar o assunto é perfeitamente clara: é que a validade do batismo depende da ordenação de Deus, e não do caráter ou da fé do ministrante; e portanto qualquer batismo, administrado segundo a ordenação divina, a igreja tem reconhecido que é seu dever aceitá-lo como batismo." (*Church Polity*, 194).

"Uma coisa é denunciar o sistema romanista – continua o mesmo teólogo – e outra dizer que os romanistas não são parte da igreja católica. E se eles estão na igreja, o seu batismo, consistindo de lavar com água em nome da Trindade, é batismo cristão; da mesma forma que a palavra de Deus, lida ou pregada por eles, é ainda a palavra de Deus, e como tal deve ser recebida e obedecida." (Pag. 215).

No ano em que a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos declarava nulo o batismo da igreja romana, decisão que, como veremos, foi revogada mais tarde, já escrevia nessa época, em 1845, o mesmo teólogo: "Somos pois constrangidos a considerar a decisão da Assembléia diretamente em conflito com os nossos símbolos e com a palavra de Deus, e como incompatível com os princípios protestantes, e com a prática de todo o mundo protestante. E não temos o mínimo escrúpulo de assim o dizer. Porque ao protestar contra a decisão de cento e sessenta e nove membros da Assembléia, nós nos escondemos na multidão de 169 milhões de fiéis que, desde a Reforma, tem mantido a doutrina oposta, que é também mais católica". (*Church Polity*, 214).

E para que ninguém insista ainda em nos atirar pela frente os símbolos de fé da igreja presbiteriana, como se fossemos de encontro a eles, nós vamos demonstrar que a nossa posição, consentânea com a das igrejas em toda a parte, é a que verdadeiramente se coaduna com os padrões presbiterianos, e que a posição contrária, em face deles, é insustentável. O art. VII do capítulo XXVIII da Confissão de Fé, assim reza: "O sacramento do batismo só deve ser administrado uma vez ao indivíduo."

Comentando este artigo, exprime-se claramente, sem equívocos, o Rev. Macpherson, presbiteriano, no seu conhecido manual, editado por Marcus Dods e Alexander Whyte. São estas, textualmente, as suas palavras: "Até mesmo a igreja romana admite a validade do batismo herético e recusa rebatizar. E tão cautelosos são nisto os romanistas que, no caso de não haver certeza se a pessoa já foi batizada ou não, eles empregam a fórmula: *Se já foste batizado, eu não te batizo; mas se ainda não foste batizado, eu te batizo*. Na igreja primitiva era comum o batismo dos que vinham das seitas heréticas; e nisto não erravam, pela razão de que estas seitas, negando geralmente a doutrina da Trindade, despojavam o batismo de uma parte

essencial e assim o invalidavam. A regra de ministrar o batismo uma vez somente ao indivíduo infere-se da mesma significação do sacramento.”

Estas palavras do criterioso comendador presbiteriano da nossa Confissão de Fé são decisivas. A igreja romana, que prima pela estreiteza e intolerância, a própria igreja romana proíbe a repetição do batismo e reconhece a validade do batismo de outras corporações cristãs! Que diria o ilustre presbiteriano escocês, se soubesse que no Brasil, sobre essa questão, há protestantes mais estreitos e intolerantes do que a própria igreja romana!

As provas, que já tivemos o ensejo de aduzir, são terminantes para demonstrar a incongruência da prática do rebatismo, ao menos do ponto de vista presbiteriano. Aceitar a validade do batismo romano, ou de qualquer outra seita trinitaria, que do nosso ponto de vista é tida, sob outros aspectos, como herética, é a verdadeira posição presbiteriana, embora seja uma surpresa para muitos no Brasil. Anti-presbiteriana é a posição dos rebatizadores, contrária aos nossos símbolos de fé, contrária à prática da maioria em peso das igrejas Presbiterianas e das igrejas pedobatistas em toda a parte, e de encontro à opinião de todos os seus teólogos e escritores, salvo alguma exceção inteiramente exótica.

O espírito da igreja presbiteriana não é o da estreiteza e intolerância, mas o da liberdade, sensata e cristã, é o espírito verdadeiramente católico e fraternal. E isto nós o demonstraremos ainda com o depoimento autorizado e insuspeito do insigne teólogo presbiteriano, o dr. Archibald Alexander Hodge, o qual nivela, em uma mesma plana de validade, o batismo ministrado por todos os ramos da cristandade, inclusive a igreja romana. Eis as suas palavras:

“Mas Johanan, o bispo nestoriano, quando indivíduos da alta igreja (*high-churchmen*) o convidavam para separar-se dos cristãos não preláticos, exclamou: “Todos os que amam ao Senhor Jesus Cristo, são meus irmãos. Acima de todo o patriotismo estreito e mesquinho sobre a terra, está o patriotismo ecumênico, largo, livre, daqueles que abraçam, em seu amor e lealdade, a inteira corporação dos batizados. Todos os que são batizados em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, reconhecendo a Trindade de Pessoas na Divindade, a encarnação do Filho e o seu sacrifício sacerdotal, quer sejam eles gregos, ou arminianos, ou romanistas, ou almas simples que não sabem apelidar-se, são nossos irmãos. O batismo é o nosso comum distintivo. É o comum estandarte e a congregar-nos, arvorado à frente das nossas várias colunas. É o nosso pendão marcial comum, que nós conduzimos para a frente, através das linhas inimigas e o cravamos sobranceiro sobre os altos, aureolado de vitória. Em nosso amor e lealdade não queremos ser delimitados por quaisquer linhas de partido. Nós seguimos e servimos a um Senhor comum. Por isso que não pode haver “senão um Senhor, uma fé, um batismo”, e um único batalhão sacramental, indivisível, inalienável, dos eleitos de Deus”. (*Popular Lectures*, 389).

Porém o argumento mais forte, até hoje formulado contra nós, foi o da resolução da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, há setenta anos passados, em que peremptoriamente se declarava nulo o batismo da igreja romana.

Realmente, a decisão tomada por essa igreja-mãe, propecta, experimentada, teria um grande peso. Sobejas razões tinha um ilustre ministro, em Campinas, o qual há pouco tempo nos impugnava mais ou menos nestes termos: Que necessidade temos nós de estar ainda quebrando a cabeça com uma questão que já foi discutida e resolvida por uma corporação mais antiga e mais competente do que nós?

E muito acertado seria, de fato, um tal raciocínio, se aquela igreja ainda mantivesse a mesma atitude, atitude que, segundo nos informou pessoa competente, fora assumida em uma conjuntura de especial irritação de ânimos contra os bispos romanistas, por questões políticas. Porém o que aquele ilustre amigo desconhecia, era que a decisão de 1845, citada fartamente pelas colunas da nossa imprensa religiosa, foi reconsiderada trinta anos mais tarde, em 1875, por essa mesma Assembléia, conforme consta do seu digesto oficial, publicado em 1907. Do presbitério de Gênese subiu à Assembléia a seguinte consulta: “Um convertido do romanismo, solicitando admissão na igreja presbiteriana, deve ser de novo batizado?”

A essa consulta respondeu a Assembléia nos seguintes termos, repassados de profunda sabedoria e espírito verdadeiramente cristão, e que não coage a consciência de nenhum dos obreiros do evangelho: “A questão deve ser resolvida pelo critério de cada Sessão da Igreja, orientada pelos princípios que regem o assunto do batismo, como expostos nos símbolos da nossa igreja. (Esta decisão foi unânime)”. (*Digest*, pag. 106).

Judiciosa, reverente, acautelada, como vemos, é a posição da respeitável corporação presbiteriana dos Estados Unidos sobre a validade do batismo da igreja romana. Esta posição, e somente esta, é a única razoável, e também a única sustentável para a corporação presbiteriana no Brasil.

E desde que não é provável que possamos manter unidade de vistas sobre esta questão, mesmo no seio da Igreja Presbiteriana, o único caminho a seguir, no Brasil, é reconhecer a competência da Sessão da Igreja para decidir sobre o caso, conforme o judicioso exemplo que há quarenta anos, desde 1875, nos vem oferecendo a igreja-mãe, na América do Norte.

E a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana, a reunir-se em Valença em fevereiro do ano próximo, terá que discutir esta matéria. O presbitério Oeste de S. Paulo, reunido extraordinariamente em Três Saltos, no mês de junho último, resolveu fazer subir à Assembléia Geral uma consulta nos seguintes termos: “Que atitude deve assumir o presbitério, quando algum de seus membros, conscienciosamente, com razões que lhe parecem justas, não se julga com direito de rejeitar a validade do batismo da igreja romana? Esta consulta é feita em atenção aos escrúpulos do rev. Salomão Ferraz.”

E o concílio supremo da Igreja Presbiteriana, estudando calmamente essa consulta, há de dar-lhe a solução honrosa que requer, consoante aos excelsos ditames da verdade e os altos interesses da paz, da concórdia, da liberdade cristã e do progresso da causa de Cristo no Brasil.

III

Resumindo as nossas considerações, nós tiramos a conclusão de que a prática de rebatizar os romanistas, que se unem às igrejas evangélicas, é inteiramente descabida e insustentável, e isto pelos seguintes modos:

a) É anti-católica e atentatória contra a catolicidade da igreja de Jesus Cristo, como é reconhecida em nossas doutrinas evangélicas.

b) Vem de encontro à letra e ao espírito das Escrituras e dos nossos símbolos presbiterianos e ao uso de toda a igreja. Diz o dr. Charles Hodge: “Nós não temos autoridade escriturística nem exemplo para a repetição do rito do batismo; e tal repetição é proibida pela nossa Confissão de Fé e contrária ao uso de toda a igreja cristã.” (*Church Polity* 214).

Se a igreja universal, incluindo as igrejas evangélicas pedobatistas, com exceção de alguma corporação relativamente insignificante; se a igreja universal nomeasse uma comissão para syndicar da prática, adotada no Brasil, de sujeitar os convertidos romanistas a um novo batismo, ela, a igreja universal, representando os sentimentos e os escrúpulos de toda a cristandade sobre o caso, havia de lavrar o mais veemente protesto, verberando, em termos enérgicos, a prática do rebatismo, que não é senão a repercussão do espírito desequilibrado e sacrílego dos antigos anabatistas, os quais foram impugnados vigorosamente pelos pioneiros da Reforma. “Nenhuma das seitas – diz Fisher – que brotaram no alvor da Reforma, produziu tão grande fermento como os anabatistas. O próprio nome, que significa rebatizadores, pela razão de que eles rejeitavam o batismo infantil e batizavam de novo a todos os que dentre eles haviam sido batizados na infância. Os anabatistas eram os radicais da Reforma. Os reformadores, segundo eles entendiam, deixaram a obra em meio.” (Pag. 124). E quando consideramos a feição truculenta e radical, que tem assumido certa propaganda protestante no Brasil, não podemos deixar de reconhecer nela, com tristeza, um eco do espírito feroz e subversivo do velho anabatismo.

“É doutrina protestante – diz ainda o dr. Hodge – que o batismo não inicia o recipiente em qualquer igreja particular, mas na igreja universal. O eunuco, batizado em viagem, Paulo batizado em seu aposento, o carcereiro de Philippos e milhares de crentes esparsos, batizados pelos apóstolos, não se tornaram, pelo seu batismo, membros de qualquer igreja particular, ou de qualquer corporação organizada. Assim também, em nossos dias, ninguém se torna episcopal, presbiteriano ou metodista pelo batismo: porém depois do batismo é que eles se unem a qualquer corporação que lhe apraz. Ninguém, portanto, se tornou papista pelo fato de haver sido batizado por um papista. Segue-se daí que a validade do batismo não depende do caráter da particular denominação a que pertence o ministrante; porque ele não age em nome dessa denominação, mas como um membro da igreja universal. Nós mantemos, portanto, que o batismo romano é válido, válido para tornar o recipiente membro da igreja universal, por ser um lavar com água em nome da Trindade, com o fim de significar, selar e aplicar os benefícios do pacto da graça. É administrado por um ministro ordenado, porque o sacerdote romanista é um homem publicamente chamado para o ofício de presbítero. E administrado por um membro da igreja visível, porque todo aquele que confessa que Jesus é o Filho de Deus, é um membro dessa igreja.” (*Church Polity* 213).

c) Repetir o batismo, atenta a natureza desse sacramento, constitui um atentado de profanação e sacrilégio, que tem repugnado à consciência delicada de muitos romanistas que desejam lançar a sua sorte com a igreja evangélica. O protestante, declarando publicamente inválido o batismo de Roma, afrontando o consenso da igreja universal, comete, embora de boa fé, um ato de revoltante sacrilégio, que só pode ser equiparado ao do clero ultramontano e intolerante ao fazer queimar bíblias na praça pública, a pretexto de falsas; porque assim como não há mais que uma bíblia, a Escritura Sagrada, a palavra de Deus, assim também não há senão o batismo, o batismo do Senhor, pelo qual o homem é iniciado na igreja universal. A bíblia não é o monopólio de nenhuma igreja particular, mas o patrimônio de toda a cristandade; assim também o batismo não é a prerrogativa de nenhuma igreja com exclusão das outras, mas é a herança comum, o privilégio comum da igreja universal.

Muitíssimos são os casos de indivíduos que deixam de entrar para o grêmio evangélico, e outros que entram hesitantes, simplesmente por não concordarem na anulação de um ato, que foi tão solene e sagrado, e que eles não encontram nenhum motivo sério para o considerar despido de valor. E as pessoas que tais objeções apresentam, são geralmente sérias e de sentimentos cristãos delicados. Instintivamente, elas tem protestado contra o que constitui uma aberração do próprio protestantismo. Há pouco tempo, um inteligente professor normalista, membro da igreja presbiteriana há muitos anos, dizia-nos mais ou menos nestes termos: “Eu nunca pude compreender a razão de um novo batismo, e isso sempre me fez espécie; e quando a ele me submeti, foi na convicção de que aquilo não passava de simples formalidade, sem valor propriamente de batismo.” E casos semelhantes poderíamos citar indefinidamente, e estão no conhecimento de todos. É que a consciência cristã, que é viva e sensível nos romanistas sinceros e refletidos, revolta-se contra um ato que lhes parece, e com razão, um terrível sacrilégio.

Bem considerado, o ato de sujeitar-se a um novo batismo é excessivamente humilhante, porque importa em declarar publicamente que até aí o indivíduo era um pagão, um gentio como qualquer bugre das matas, que nunca ouviu falar de Cristo, inteiramente alheio ao que pertence à religião cristã: o que não é verdade no caso dos romanistas, porque sobre eles até já foi invocado solenemente o nome do Deus Trino! O que estes podem fazer agora, e o devem fazer para o seu próprio bem espiritual, é apenas confirmarem o seu batismo, professando publicamente a sua fé pessoal em Cristo, unindo-se a qualquer das boas igrejas cristãs.

E esse modo de tratar o povo brasileiro, degradando-o, atirando-o para a categoria de pagãos, desdenhando acintosamente todo o seu passado no que ele tem de mais sagrado e melindroso, não pode resultar bem. É preciso pois mudar de rumo, e desde já!

d) Esse sistema de tornar a batizar os romanistas é o expoente mais visível dessa política cega, apaixonada, iconoclasta, indiscriminadamente infensa e irreverente para com

tudo o que toca ao cristianismo romanista, mesmo nas muitas coisas que com ele nós temos em comum. E essa política, como veremos, compromete mui seriamente o futuro da própria causa evangélica. O entusiasmo que resulta de certa combatividade truculenta, os aplausos que recebem os polemistas laureados pela estupidez de um vulgo irrefletido e não raro bajulador, são como o estimulante alcóolico, que no momento parece acrescentar as forças, estimular as funções orgânicas, impelindo vigorosamente o sangue, acelerando as pulsações e transmutando a natural timidez em uma certa coragem insólita e brutal. Mas tudo ;é ilusório, porque logo após vem a reação, o langor, o abatimento.

Se o nosso entusiasmo, hoje, não é tanto, o fruto do amor de Cristo derramado em nossas almas, não é a resultante da visão das profundas necessidades dos homens, mas é em grande parte o espírito de rivalidade amarga e despeitada, é esse desejo insano de arrasar a igreja romana sem deixar pedra sobre pedra, - nós teremos de sofrer, como já temos sofrido, as funestas conseqüências, quer em nossas pessoas, quer nas pessoas de nossos filhos. Passada a loucura dos combates, acalmado o delírio das polêmicas, abate-se esse falso fervor que alguns confundem com a religião, e fica-se nessa espécie de entorpecimento e indiferença. É isso o que se tem dado com muitos filhos da igreja, os quais perderam o entusiasmo, perderam todo e qualquer interesse pelas coisas da religião.

Há tempos, em S. Paulo, um velho e experimentado pastor se queixava, seriamente impressionado, da grande proporção de filhos de crentes evangélicos que se perderam para a igreja, tomando rumo do mundo. E não deve este fato levar-nos a pensar maduramente, com singeleza, com humildade? Cortando impiedosamente a igreja romana, sem reconhecer nem poupar nenhum dos seus fundamentos, não teremos nós, irrefletidamente, causado danos a nossos próprios filhos? Não teremos inoculado em seus espíritos o gérmen da desconfiança para com tudo o que concerne à igreja? Bastante senso tem eles para ver que há entre nós e a igreja romana inúmeros pontos em comum, e ainda nós os ensinamos a olhar como diabólico a tudo o que pertence ao romanismo! A conclusão que eles tiram, clara ou tacitamente, é que todas as coisas religiosas não passam de fantasias e paixões de espíritos atrasados. E isto o dizemos de experiência própria, tendo o nosso espírito atravessado uma tremenda crise de desconfianças e dúvidas. Foi-nos dado transpor incólume o momento perigoso, graças a Deus; porém muitos e muitos tem sucumbido.

Tratando o romanismo com o máximo respeito, aceitando tudo o que ele nos oferece de bom e consistente, e assim dando provas de um espírito imparcial, reverente, superior, nós promovemos o respeito e o acatamento para com a própria igreja evangélica, tanto aos olhos dos estranhos, como aos olhos dos nossos próprios filhos.

e) E se desse modo extremado de tratar a igreja romana tem resultado incontestáveis benéficos no momento para certas almas, quantos maléficos não tem por seu turno produzido! Quantas suspeitas descaridosas! Quanta indiferença e quantos preconceitos para com a religião! Quanto ganho de causa aos inimigos do cristianismo! Quantas odiosidades gratuitas! Quantas muralhas de preconceitos contra a própria igreja evangélica! É que geralmente os que se apegam a essa política estreita e demolidora, parecem só enxergar os da sua pequena grei, e ainda enxergam mal, e como que não tem olhos para ver nem coração para sentir as ingentes necessidades da grande massa de povo que os rodeia. O sectarismo intolerante e acanhado tem a propriedade de tornar os homens cegos, surdos, insensíveis, enfatuados, embora sejam positivamente bons os seus intentos.

f) Sobre ser contrária ao espírito e aos interesses do protestantismo e da igreja universal e revoltante à consciência cristã das almas refletidas e esclarecidas, a prática do rebatismo é ainda, e por isso mesmo, prejudicial aos melhores interesses da propaganda evangélica no Brasil. Porque cava entre nós e os romanistas um abismo gratuito e priva-nos, sem necessidade, do melhor ponto de contato e de apoio que podemos ter para com eles, e produz neles uma falsa impressão da igreja evangélica, como se esta fora uma nova religião, quando, em verdade, é a mesma religião, apenas reformada, libertada dos erros e abusos do sistema romanista.

Aceita a validade do batismo romano, como é de razão e de justiça, nós podemos proclamar aos nossos patrícios, sinceramente, parodiando o apóstolo no areópago de Atenas, e com muito maior direito e propriedade: “Este Cristo, em cujo nome fostes batizados na infância e do qual já tendes algum conhecimento, é esse mesmo que nós vos anunciamos; não queremos que renegueis propriamente a religião de vossos pais, mas queremos ajudar-vos a seguir essa mesma religião, porém de um modo mais inteligente, mais honroso a Deus e mais proveitoso para vós, para as vossas famílias, para a vossa pátria, para as vossas almas imortais”. A razão de ser do trabalho evangélico, em um país romanista, como é este, torna-se assim clara, sensata, plausível, recomendando-se à consciência de todos as almas pias, de todos os espíritos reverentes e refletidos.

IV

Mas alguém poderá insistir ainda em perguntar: Desde que a igreja romana, como não é lícito negar, deve ser contada entre as igrejas cristãs e o seu batismo é válido, como se demonstrou de um modo irrefutável, qual então a razão de ser das corporações evangélicas? Porque abandonar o aprisco romanista? Qual a razão da propaganda evangélica nos países romanistas?

A estas perguntas não poderíamos dar mais acertada resposta, do que com as próprias palavras de um inteligente romanista, que deixou há poucos anos a igreja romana e uniu-se a uma das igrejas evangélicas. É ainda o emérito professor Bartoli que nos vem orientar sobre este ponto. Ninguém melhor do que ele, erudito, jesuíta por largos anos e depois cristão evangélico, nos poderá informar das leis naturais, que presidem ao processo da transição de uma pessoa do romanismo para o sistema evangélico, ou para melhor dizer, dos verdadeiros motivos para se preferir o sistema evangélico de cristianismo. No prefácio da obra já citada, à pagina XVIII, assim se externa o professor: “O que me separou de Roma não foi o seu cristianismo, mas o seu paganismo; não a bíblia que por ela é preservada, porém as arbitrárias interpretações das santas escrituras que ela quer impingir ao mundo cristão; não as muitas coisas boas que nela se encontram, mas os males da degeneração, da superstição e idolatria que os seus sacerdotes são por ela forçados a aceitar, a praticar e defender com sofismas escolásticas e sutilezas aristotélicas.”

Das palavras do ilustre professor podemos deduzir as seguintes observações importantes.

a) Ele não vai ao extremo de negar que a igreja romana também possui o cristianismo: “O que me separou de Roma não foi o seu cristianismo”. Não se aventura a expropriar essa igreja dos foros de cristã, como alguns entre nós imponderadamente o fazem, quando asseveram que a igreja romana só tem de cristã o mero nome.

b) Não tem a cegueira partidária de desconhecer as muitas coisas boas que se encontram no seio dessa igreja, nem atribui ao espírito de ostentação e interesse, como o fazem alguns apaixonados, todas as obras de caridade e educação que aí se realizam.

c) Ele não repudiou, como inválido, o batismo romano, recebido na infância; não se faz batizar de novo ao professar na igreja valdense, a qual, assim como as demais igrejas pedobatistas na Itália, como a presbiteriana, a metodista, a episcopal, não adota a prática esdrúxula e anti-católica do rebatismo.

d) Entretanto, apesar de todas estas justas concessões, sobravam-lhe ainda motivos suficientes que o levaram a lançar com a igreja evangélica a sua sorte, deixando o aprisco do romanismo.

Esta é, parece-nos, a única posição razoável, coerente e sustentável que a igreja evangélica pode manter para com a igreja romana, e muito particularmente no meio de um povo que, como este, não desconhece os rudimentos da fé.

Esteja constantemente a pender de nossas mãos o prumo da verdade, o prumo de Deus, no conhecimento da justa proporção e do devido lugar das coisas. Não assumamos o nosso

trabalho nenhuma direção viciosa, nem acompanhamento as inclinações do romanismo, nem caindo em opostos pendores ao outro extremo, mas vá se erguendo no prumo, em exato e consciencioso equilíbrio.

De duas coisas principais depende a solidez e estabilidade de uma obra: alicerces e prumo.

Profunda, ampla e resistente é a base do trabalho que o Senhor nos confiou neste país.

O que resta, agora, não é só ir metendo mãos à obra, fazendo tudo às pressas, às cegas, atabalhoadamente, a torto e a direito, visando apenas a ingente quantidade de obras feitas, porém urge refletir por um momento e dar toda a atenção e o mais rigoroso cuidado ao segurar do prumo. Porque qualquer inclinação, de uma parte ou de outra, será fatal.

Veja pois cada um como edifica!